

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Sonia Maria Lopes de Paula**

**O metadiscorso em introduções de artigos científicos:  
uma perspectiva sistêmico-funcional**

**MESTRADO EM  
LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SÃO PAULO  
2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Sonia Maria Lopes de Paula**

**O metadiscorso em introduções de artigos científicos:  
uma perspectiva sistêmico-funcional**

**MESTRADO EM  
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como atendimento à exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda

**PUC - SP**

**2009**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Dedico aos irmãos de todos  
os momentos

Ideology do not exist in silence, but neither  
are they usually expressed overtly

*(Thompson e Hunston, 2000)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e saúde.

Aos meus pais, pela compreensão e o apoio de sempre.

À minha família pelo incentivo.

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

À orientadora Profa Dra Sumiko Nishitani Ikeda por ter me conduzido com excelência, e pelos valores transmitidos.

À Professora Doutora Maria Aparecida Caltabiano Magalhães B. da Silva e à Professora Lindinalva Zagoto Fernandes por participarem do exame de qualificação, trazendo sugestões de grande valor.

À Profa Dra Sandra Madureira que teve papel fundamental a fim de que eu desse prosseguimento ao curso.

À Profa Dra Mara Sophia Zanotto, pelos sábios conselhos.

Aos companheiros de sala Tatiane, Sonia, Moisés e Luciano, sempre solícitos.

Às funcionárias do LAEL Maria Lúcia e Márcia, sempre solícitas, informando, orientando, incentivando e apoiando

Aos amigos Adoração e Gelson, pelo apoio em momentos decisivos.

Ao amigo Domingos por ter me auxiliado a dar o primeiro passo.

Aos Amigos do coração, que nos momentos mais difíceis se fizeram presentes, trazendo o carinho de sempre.

# SONIA MARIA LOPES DE PAULA

## O METADISCURSO EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

### RESUMO

O objetivo desta dissertação é examinar o metadiscorso textual e o interpessoal em seis introduções de artigos científicos coletados em periódicos de três universidades brasileiras na área da Linguística Aplicada: D.E.L.T. A (PUC/SP), ALFA (UNESP) e Cadernos de Estudos Linguísticos e Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP). O exame do metadiscorso implica recorrer a teorias de origens várias. Nesse sentido, seguimos Fowler (1991), que se confessa essencialmente eclético em relação à sua atitude aos instrumentos de análise, mas que, aponta como o melhor modelo para examinar a conexão entre estrutura lingüística e valores sociais, o modelo funcional desenvolvido por Halliday e seus pesquisadores. Constituem, também, objeto de interesse de minha análise e que embasam a metodologia da presente pesquisa, os conceitos de: (a) metafunção interpessoal (Halliday, 1985; 1994; 2004) e *token* de atitude (MARTIN, 2000); (b) avaliação (MARTIN, 2000; HYLAND, 1997; 1998; 2000; 2005; VERSTRAETE, 2001) (c) *footing* e alinhamento (GOFFMAN, 1974); (d) polidez (BROWN & LEVINSON (1987).

**Palavras-Chave:** Artigo científico. Metadiscorso. Avaliatividade. Alinhamento. Linguística Crítica. Linguística Sistêmico-Funcional.

SONIA MARIA LOPES DE PAULA

*METADISCOURSE IN THE INTRODUCTION OF SCIENTIFIC JOURNALS:  
A SYSTEMIC FUNCTIONAL APPROACH*

**ABSTRACT**

*This research aims to examine the textual and interpersonal metafunctions present in the introduction to six scientific articles found in four different journals on Applied Linguistics published by three Brazilian universities: D.E.L.T.A (PUC/SP), ALFA (UNESP), Cadernos de Estudos Linguísticos and Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP). In order to carry out the research on metadiscourse we will draw on the work of different authors and on various theoretical approaches. In this respect, Fowler (1991), whose attitude towards his instruments of analysis is eclectic, acknowledges that the Hallidayan functional mode of analysis is the best model for the study of the relationship between linguistic structure and social values. As well as being another topic of concern in this study, the following concepts will also ground the methodology of this research: (a) interpersonal metafunction (HALLIDAY, 1985; 1994; 2004) and tokens of attitude (MARTIN, 2000); (b) appraisal (MARTIN, 2000; HYLAND, 1997; 1998; 2000; 2005; VERSTRAETE, 2001); (c) footing and alignment (GOFFMAN, 1974); (d) politeness (BROWN & LEVINSON (1987).*

**Keywords:** *Scientific Article. Metadiscourse. Appraisal. Alignment. Critical Linguistics. Systemic Functional Linguistics.*

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Modalidade (Halliday, 1994).....	10
Quadro 2 - Recursos da Avaliatividade (Sarangi & Martin 2003) .....	12
Quadro 3 - Categorias de modalização .....	20
Quadro 4 - Funções do metadiscurso em textos acadêmicos (Hyland, 1998)...	24
Quadro 5 - Avaliação e Compromisso (Hyland, 2005) .....	28
Quadro 6 - Noções de face.....	34
Quadro 7 - Circunstâncias que determinam a escolha de estra .....	35
Quadro 8 - Atos que ameaçam a face negativa de O (F impede a liberdade de ação A de O) .....	35
Quadro 9 - Atos que ameaçam a face positiva de O (F não se importa pelos sentimentos e desejos etc. de O .....	35
Quadro 10 - Atos que ameaçam a face negativa de F [F se sente invadido] .....	36
Quadro 11 - Atos que ameaçam a face positiva de F [F se sente desmascarado].....	36
Quadro 12 - Modificações propostas nesta dissertação .....	43
Quadro 13 - As ocorrências de metadiscurso no texto A .....	49
Quadro 14 - As ocorrências de metadiscurso no texto B .....	52
Quadro15 - As ocorrências de metadiscurso no texto C .....	56
Quadro 16 - As ocorrências de metadiscurso no texto D .....	59
Quadro 17 - As ocorrências de metadiscurso no texto E .....	62
Quadro 18 - As ocorrências de metadiscurso no texto F.....	65
Quadro 19 - As ocorrências de metadiscurso no seis textos analisados.....	66

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 APOIO TEÓRICO</b> .....	<b>6</b>
<b>1.1 A Lingüística Sistêmico-Funcional</b> .....	<b>6</b>
1.1.1 A Metafunção Ideacional.....	7
1.1.2 A Metafunção Interpessoal .....	8
1.1.3 A Metafunção Textual .....	10
<b>1.2 Interação e avaliação</b> .....	<b>10</b>
<b>1.3 A relação entre as metafunções ideacional e interpessoal</b> .....	<b>11</b>
<b>1.4 A avaliatividade (appraisal)</b> .....	<b>11</b>
1.4.1 O compromisso .....	13
<b>1.5 A modalidade objetiva e a subjetiva</b> .....	<b>15</b>
<b>1.6 A autoridade no discurso</b> .....	<b>18</b>
<b>1.7 O metadiscurso: persuasão no discurso acadêmico</b> .....	<b>21</b>
1.7.1 Uma visão pragmática do metadiscurso acadêmico .....	22
1.7.2 Um esquema metadiscursivo .....	23
1.7.2.1 <i>Metadiscurso textual</i> .....	24
1.7.2.2 <i>Metadiscurso interpessoal</i> .....	25
<b>1.8 Avaliação e Compromisso (stance e engagement)</b> .....	<b>27</b>
1.8.1 Avaliação .....	28
1.8.2 Compromisso (segundo Hyland).....	29
<b>1.9 FOOTING (Alinhamento)</b> .....	<b>30</b>
<b>1.10 O trabalho de face - a polidez</b> .....	<b>33</b>
1.10.1 Estratégias para fazer um AAF .....	36
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>40</b>
<b>2.1 Dados</b> .....	<b>40</b>
<b>2.2 Procedimentos de Análise</b> .....	<b>41</b>
<b>3 ANÁLISE</b> .....	<b>45</b>
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>66</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>

## O METADISCURSO EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

### INTRODUÇÃO

O texto científico tem características próprias e difere de outros tipos de texto. Diz Widdowson (1979) que:

a exposição científica se estrutura de acordo com certos padrões de organização retórica que, com algumas diferenças de ordem individual, impõem uma conformidade aos membros da comunidade científica.

O nome gênero tem sido dado a essa "conformação" ou "veículo" que serve para a realização de determinados objetivos comunicativos. Como partes integrantes do gênero acadêmico, podemos incluir a estrutura geral e a linguagem do texto. A estrutura tem-se modificado, evoluindo desde os primeiros escritos considerados científicos, ou seja, as cartas trocadas pelos cientistas entre si, até a forma que conhecemos hoje composta, com algumas variações, de *Introdução*, *Metodologia*, *Resultados*, *Discussão* e *Conclusão*. Por outro lado, a linguagem também passou a exigir a obediência a certos requisitos, para a constituição de um gênero próprio. Na verdade, fugir dessa conformação no mundo da ciência, atualmente, é entrar em choque com uma série de fatos, que não interessam ao cientista.

Além disso, o texto científico exige o desenvolvimento de um estilo convincente, já que um fenômeno só adquire *status* de realidade diante do consenso da comunidade científica, e este consenso só é adquirido através de uma retórica de persuasão. No entanto, a arte, no caso, está exatamente em levar o leitor a crer que não há retórica nenhuma, que o texto científico tem "grau zero de escrita", na terminologia de Barthes (1975; apud SWALES, 1990), e que os fatos falam por si mesmos.

Estudos comparativos de textos de pesquisa mostram que entre os primeiros registros de uma pesquisa e a versão final de um texto científico, há notável mudança de estilo: do tom direto e algo dramático passa-se para um tom comedido,

caracterizado por crescente uso de artifícios como os do *hedge* (modalização), termo introduzido por Lakoff (1972). Em um texto modalizado, o operador 'deve' transforma-se em *poderia*; 'é' transforma-se em *tem sido sugerido como possível*; 'a minha solução' transforma-se em *os dados indicam que*. A propósito, trago a seguir, a título de ilustração, um exemplo de texto inicial de um projeto de pesquisa, escrito por uma aluna de um curso de Economia. Note-se o tom grandiloqüente, que deverá ser modalizado no texto final:

"Por isso pretendemos dar alguns passos para tornar a América Latina um continente de nações independentes, capaz de dar ao mundo sua contribuição em relação à paz e à realização da justiça nas questões econômicas, políticas e sociais."

Há, na verdade, diz Swales (1990) uma grande diferença entre o que os cientistas conversam entre si ou o que cada um pensa de sua própria pesquisa e o que é realmente registrado numa tese ou num artigo para publicação. Numa entrevista, o cientista pode dizer: *"não sei onde li isso, mas a proteína é recuperada sem aquecimento"*. Já no texto dirá: *"sabe-se que se recupera a proteína sem aquecimento"*. Ou seja, estamos longe de um mundo em que o pesquisador diz "como as coisas realmente aconteceram" (Cf. SWALES, 1990), isto porque, ele não só deve salvaguardar-se a si mesmo, mas também a sua instituição e a entidade financiadora de prováveis críticas. Em outras palavras, estão envolvidos tempo, dinheiro, equipamento, esforço, fama, que devem ser protegidos. Poder-se-ia dizer então que o texto científico sofre o controle técnico e social, na medida em que o cientista deve preocupar-se com o que "os outros cientistas pensarão", pois o texto é um híbrido, co-produzido pelos autores e pelos membros da audiência a que é dirigido.

Nessa linha de raciocínio, Hyland (2000) diz que a escrita acadêmica não se resume apenas na expressão do conteúdo ideacional, mas também na representação do *self*. Pesquisas recentes como Koch (1987) e Coracini (1991), que ilustro a seguir, sugerem que a prosa acadêmica não é completamente impessoal, e que os escritores ganham credibilidade projetando uma identidade investida de autoridade individual, expressando confiança nas suas avaliações e compromisso com suas idéias.

Segundo Koch (1987), a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende "neutro", ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. A autora diz que as modalidades tradicionalmente reconhecidas são:

- (1) **epistêmicas** (referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas): certo/estabelecido/verificado, excluído (desmentido), decidido, plausível, contestável, indeciso;
- (2) **deônticas** (referem-se ao eixo da conduta, isto é, à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer (obrigatório, proibido, ordenado (imperativo), permitido, facultativo, indiferente \*nem obrigado nem proibido));
- (3) **valores morais** (moral, imoral, amoral);
- (4) **valores técnicos** (útil, benéfico, nocivo, ativo, inofensivo, ineficaz, inativo);
- (5) **valores afetivos** (agradável, penoso);
- (6) **vontade** (aceitação, recusa, resolução/decisão, indecisão);

De um modo geral, de acordo com a autora, tem-se considerado como modalidades básicas o **necessário** e o **possível**. Alexandrescu (1966) ressalta a importância dos operadores modais **crer** e **saber**.

Coracini (1991), por sua vez, distingue a modalidade implícita da explícita:

- (1) Modalidade **implícita** - desempenha um duplo papel no discurso científico:
  - a) o de convencer (pela afirmação da verdade que está sendo enunciada)
  - b) o de camuflar a 'origem' enunciativa: aparentemente, é o enunciado, o fato que se apresenta quem diz, e não o sujeito-enunciador.
- (2) Modalidade **explícita** - aparece com freqüência no discurso envolvente, no qual é permitido ao autor comparar, julgar, avaliar, sugerir, predizer, discutir e justificar. Coracini diz que é muito raro, no entanto, que o locutor assuma explicitamente o que enuncia. Para tanto, ele usa expressões como *eu creio que*. Alguns enunciados ou expressões, segundo a autora, 'sugerem' a presença, embora escondida, de alguém que julga, sugere, comenta, ... e essa presença é a do sujeito-enunciador e pesquisador: *Parece que a síntese do ácido/ é um atributo relativamente raro/ dados embora significativos*.

Hyland (1998) trata do 'metadiscorso', comumente chamado de “discurso sobre o discurso”, como um conceito cuja importância cresce a cada dia no que diz respeito à produção, compreensão e estrutura de textos. O metadiscorso é definido como pelo autor como os aspectos do texto que se referem explicitamente à organização do discurso ou à posição do escritor para com o conteúdo ou para com o leitor. É a manifestação lingüística e retórica do autor do texto para “apoiar a organização discursiva e as implicações do que está sendo dito” (SCHIFFRIN, 1980:231).

Embora o termo 'metadiscorso' não seja sempre utilizado da mesma forma, as discussões acerca desse recurso discursivo têm sido bastante influenciadas pelas distinções de Halliday (1985, 1994) sobre elementos ideacionais do texto e seus significados textuais e interpessoais. O termo é, portanto, usado para falar de aspectos não só proposicionais do discurso, mas também daqueles que ajudam a organizar a prosa em um texto coerente e demonstrar a personalidade e credibilidade do escritor, assim como sua sensibilidade para com o leitor e seu relacionamento com o próprio texto (CRISMORE et al. 1993). Em outras palavras, o sucesso da prosa acadêmica envolve a relação de atos ilocucionários aos efeitos perlocucionários. Um escritor quer que sua mensagem seja entendida (efeito ilocucionário) e quer também ser aceito (efeito perlocucionário esperado).

Uma variedade de taxonomias de metadiscorso já foram propostas (BEAUVAIS, 1989; CRISMORE, 1989; MAURANEN, 1993; NASH, 1992; VANDE KIPPLE, 1985). O sistema adotado por Hyland (1998) segue o de Crismore et al. (1993) no que diz respeito à distinção entre tipos *textuais* e *interpessoais* e na posterior classificação de funções mais específicas dentro desses tipos, e que também será adotado nesta dissertação. O **metadiscorso textual** refere-se aos artifícios usados pelo escritor para mostrar a interpretação que deseja para os significados proposicionais que expressa no texto e o **metadiscorso interpessoal** refere-se essencialmente a fatores interacionais e avaliativos que expressam a *persona* do escritor, em relação à informação proposicional e ao leitor.

Nesse domínio, o objetivo desta dissertação é examinar seis Introduções de artigos científicos a fim de verificar os metadiscursos textual e interpessoal nesses documentos. As introduções foram coletadas em periódicos de três universidades brasileiras na área da Linguística Aplicada, com classificação de excelência no

Qualis (veja nos colchetes): PUC/SP (*D.E.L.T.A* [A2]), UNESP (*ALFA* [B1]) e UNICAMP (*Cadernos de Estudos Linguísticos* [A2] e *Trabalhos em Linguística Aplicada* [B1]). A razão dessas escolhas baseou-se no seguinte raciocínio: se o metadiscorso é um recurso necessário a um bom texto científico; se as revistas em foco estão bem classificadas no Qualis; seria a presença do metadiscorso um dos motivos para essa classificação?

Mas antes de abordar o metadiscorso, julgo necessária a compreensão de alguns conceitos, tais como: (a) as metafunções ideacional, interpessoal e ideacional (HALLIDAY, 1985; 1994; 2004; MARTIN, 2000); (b) avaliação e *token* de atitude (MARTIN, 2000; HYLAND, 1997; 1998; 2000; 2005; VERSTRAETE, 2001), que ampliam e explicitam o escopo dessas metafunções; (c) o *footing* e alinhamento (GOFFMAN, 1974), que explicam o motivo do uso do metadiscorso; (d) a polidez (BROWN; LEVINSON 1987), que mostram o trabalho de face como motivador do uso do metadiscorso. Veremos, assim, que o exame do metadiscorso implica recorrer a teorias de origens várias. Nesse sentido, seguimos Fowler (1991), que se confessa essencialmente eclético em relação aos instrumentos de análise, e que, nesse sentido, aponta como o melhor modelo para examinar a conexão entre estrutura lingüística e valores sociais, o modelo funcional e multidimensional desenvolvido por Halliday e seus pesquisadores, na teoria que se convencionou chamar-se de Linguística Sistêmico-Funcional.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: **Apoio teórico**, com abordagem das noções de avaliatividade, modalidade e metadiscorso com o suporte da Linguística Sistêmico-Funcional, em especial as metafunções ideacional e interpessoal; **Metodologia** com a descrição do *corpus* e dos procedimentos de análise; **Análise** das Introduções, com aplicação do metadiscorso textual e interpessoal; **Discussão dos resultados**, em que, através de um quadro demonstrativo quantitativo dos exemplares de metadiscursos encontrados, faço um resumo apreciativo das Introduções em foco e **Considerações Finais**, avaliando o presente trabalho em relação à sua importância na área da linguística, bem como na influência que tem causado em minha própria docência.

## 1 APOIO TEÓRICO

Trato aqui das teorias que embasam minha análise. Início com a Linguística Sistêmico-Funcional, que considera ser a língua estruturada para expressar três significados simultâneos: ideacional, interpessoal e textual. Esses três significados recebem, pelos systemicistas, a denominação de metafunções. A metafunção interpessoal – que trata da relação entre os interlocutores e envolve, entre outros fatores, a modalidade – despertou o interesse de vários pesquisadores, que ampliaram seu escopo, criticando e detalhando as suas possibilidades. Nesse sentido, apresento as contribuições que trataram, em especial, da modalidade e suas ramificações. Por outro lado, para explicar o motivo do uso da modalidade no texto científico, trago as propostas de Goffman (1981) sobre *footing* e alinhamento - uma mudança de *footing* refere-se a ocasiões em que o alinhamento/avaliação/projeção do eu está em questão (GOFFMAN, 1981: 128); além disso apoio-me em Brown e Levinson (1987), sobre trabalho de face, que mostra como, na comunicação tanto oral quanto escrita, nem sempre é possível a declaração direta e franca.

### 1.1 A Lingüística Sistêmico-Funcional

Passo a apresentar as noções básicas da Lingüística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF), teoria concebida por Halliday (1985; 1994; 2004) e seus colaboradores.

Para Halliday, a língua está estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: **ideacional** (que envolve as funções experiencial e lógica), **interpessoal** (trata da organização da oração como um evento interativo, envolvendo o falante ou escritor, e a audiência) e **textual** (a oração como mensagem; análise da organização da sua estrutura de dois elementos: tema e rema). Essa fusão é possível porque a língua é um *sistema semiótico*, ou seja, um código convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas que se fazem num nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das

orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual. Quando se faz uma escolha no sistema lingüístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas.

A abordagem permite, então, falar sobre as escolhas lingüísticas não como "certas" ou "erradas", mas como "apropriadas" ou "não-apropriadas". Na lingüística funcional, a semântica está naturalmente (não arbitrariamente) relacionada à gramática. O que distingue a lingüística sistêmica é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões lingüísticos.

Nessa linha teórica, os usuários da língua não interagem apenas para trocar sons uns com outros, nem palavras ou sentenças, mas para construir três significados simultâneos a fim de entender o mundo e o outro. A finalidade principal da língua é, portanto, semântica. A seguir, trato das metafunções ideacional, interpessoal e textual.

### 1.1.1 A Metafunção Ideacional

Segundo Halliday (1994), as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. Aqui a oração tem um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de processos. A impressão mais poderosa da experiência é a de que ela consiste de 'eventos' – acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da **transitividade**.

O sistema da transitividade é visto pela LSF de uma forma muito mais ampla do que a gramática tradicional estruturalista (THOMPSON, 1996: 76), haja vista que cada oração transporta não só o conteúdo proposicional de uma mensagem, mas também o propósito pretendido por ser produtor. Podemos expressar esse conteúdo das orações em termos dos **processos** envolvendo **participantes** em certas **circunstâncias** (THOMPSON, 2004).

O exemplo a seguir ilustra o sistema da transitividade na oração:

(1) João comprou maçãs na feira

João	comprou	maçãs	na feira
participante	processo	participante	circunstância

Segundo Halliday (1994), no sistema da transitividade, os processos podem ser: (a) materiais, que dizem respeito à experiência do mundo exterior, (b) processos mentais, relativos à experiência interna, (c), relacionais pelos quais relacionamos um fragmento da experiência a outro, (d) comportamentais que representam a externalização de processos da consciência e dos estados fisiológicos, (e) os processos verbais, que são as relações simbólicas construídas na consciência humana e efetivadas na forma de língua como: dizer e significar, e (f) os processos existenciais, pelos quais os fenômenos de todos os tipos são reconhecidos como ‘ser’: existir, ou acontecer.

### 1.1.2 A Metafunção Interpessoal

Quando nos comunicamos, diz Halliday (1985; 1994), a estrutura significativa da oração está organizada tanto como mensagem, quanto como um evento interativo. Sendo assim, usamos a língua para construir significados interpessoais: significados sobre nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas e também em relação ao conteúdo da mensagem.

Em um evento interativo, o falante está dando ou está pedindo algo para o ouvinte; que pode ser: (a) **bens e serviços** ou (b) **informação**. No momento da fala/escrita, ele assume um posicionamento em relação a ele mesmo e com quem interage naquele momento. Para operacionalização, a metafunção interpessoal se organiza pelo sistema de Modo, que inclui: o Mood (Sujeito e Finito) e Resíduo. O Mood envolve, no Finito, além da flexão verbal, a Modalidade, segundo Halliday [veja negrito em (2)].

O exemplo 2 ilustra o sistema de Modo da metafunção interpessoal

(2) Talvez João vá comprar maçãs na feira.

Talvez	João	vá	comprar	maçãs	na feira
MOOD			RESÍDUO		
<b>Modalidade</b>	Sujeito	Finito	Predicador	Complemento	Adjunto

O autor se refere à modalidade como “a área do significado que fica entre o sim e o não”, incluindo “ora o sim e o não” e “tanto o sim como o não” (HALLIDAY, 1994:356) Devido ao fato de que julgamentos sobre a verdade e a falta de verdade, a certeza e a dúvida, a probabilidade e a possibilidade têm um importante papel em nossas vidas, eles permitem uma variedade de realizações lexicais, gramaticais e estratégicas. Há inúmeras formas de os escritores sinalizarem as avaliações hipotéticas ou informações referenciais e há também uma variedade de motivos para fazê-lo.

Segundo Halliday (1994), quando a língua é usada para permuta de informação, a oração toma a forma de **proposição**. Ela se transforma em algo sobre o qual se pode discutir – admite-se então, a seu respeito: afirmar ou negar, e também duvidar, contradizer, insistir, aceitar com reservas, qualificar, lamentar e assim por diante. Mas não podemos usar o termo 'proposição' para nos referirmos a todas as funções da oração como um evento interativo, porque assim excluiríamos a permuta de bens & serviços, a uma série inteira de oferecimentos e ordens. Diferentemente de afirmações e perguntas, elas não são proposições; não podem ser afirmadas ou negadas. Mas elas não são menos significativas que afirmações e perguntas; e, como já notamos, elas têm prioridade no desenvolvimento ontogenético da língua.

O autor propõe usar o termo 'proposição' no seu sentido usual para nos referirmos a afirmações e perguntas, mas introduz um termo paralelo para nos referirmos a oferecimentos e ordens. Assim o autor se refere a elas com o termo **proposta**. A função semântica da oração como permuta de informação é uma proposição; a função semântica da oração como permuta de bens & serviços é uma proposta.

O quadro a seguir ilustra as noções de Modo da metafunção interpessoal

Quadro 1 - Modalidade (Halliday, 1994)

MODALIDADE			
Modalização (dar e receber informação)		Modulação (dar e receber bens & serviços)	
<b>probabilidade</b> (ou epistêmica)	<b>freqüência</b> (usuality)	<b>obrigatoriedade</b> (ou deôntica)	<b>inclinação</b> (ou desejabilidade)

A metafunção interpessoal tem recebido críticas e contribuições desde a sua concepção. Assim, Thompson & Thetela (1995) julgam necessária uma distinção no interior da metafunção interpessoal, já que, Halliday postula a *modalidade* como sendo envolvida pelo *modo* (*mood*), quando esses elementos têm, segundo os autores, funções distintas no enunciado: (i) **pessoal**, ou o posicionamento pessoal do escritor (modalidade) e **interacional**, a interação entre escritor e leitor (*modo*), respectivamente.

### 1.1.3 A Metafunção textual

A metafunção textual, segundo definição de Matthiessen (1995), constrói os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto.

## 1.2 Interação e avaliação

O termo avaliação tem sido empregado pelos sistemicistas sob diferentes designações.

Hunston & Thompson (2000) usam o termo 'evaluation' para se referir ao julgamento, sentimento e pontos-de-vista do escritor. Outros autores têm apresentando diferentes rótulos para esse posicionamento do autor: atitude (*attitude*) (HALLIDAY, 1994), modalidade epistêmica (*epistemic modality*) (HYLAND, 1998); avaliatividade (*appraisal*) (MARTIN, 2000 e WHITE, 2003); posicionamento (*stance*) (BIBER & FINEGAN, 1989 e HYLAND, 1999) e metadiscorso (*metadiscourse*) (CRISMORE, 1989 e HYLAND & TSE, 2004).

O interesse na dimensão interpessoal da escrita tem sido central tanto para a LSF quanto para o construcionismo social, que compartilham a visão de que o uso da língua se relaciona com contextos social, cultural e institucional específicos. Talvez a abordagem mais sistemática nesse sentido seja o trabalho sobre a avaliatividade, que oferece uma tipologia de recursos avaliativos (MARTIN 2000). A avaliatividade interessa-se pelas posições atitudinais do falante, distinguindo três sub-categorias: **afeto**, **juízo** e **apreciação**, que se referem à construção de emoção, avaliação moral e valores estéticos, respectivamente, e também aos modos como eles são graduados em termos de intensidade, como explico mais adiante.

A avaliação é sempre feita em relação a algum padrão. Julgamentos pessoais são convincentes, ou significativos, se contribuem e têm ligação com a ideologia comum ou o sistema de valores que são tomados como normais, em uma dada cultura.

### **1.3 A relação entre as metafunções ideacional e interpessoal**

Thompson e Thetela (1995), ao tratarem dos papéis projetados (a rotulação dos participantes), dizem que é aí que o componente interpessoal se sobrepõe ao ideacional do modelo de Halliday, uma vez que, se o escritor projeta os papéis, a pessoa sobre quem o papel é projetado é simultaneamente um participante no evento lingüístico e um participante na oração. Assim, esclarecem uma característica importante para a minha análise, qual seja, a da simultaneidade das duas metafunções, já prevista, mas não detalhada, por Halliday. Também Fowler (1991) afirma essa sobreposição, dizendo:

É da essência da representação ser sempre a representação de algum ponto de vista ideológico, conforme tratada pela inevitável força de estruturação da transitividade e da categorização lexical (Fowler 1991: 85).

### **1.4 A avaliatividade (appraisal)**

Mas é Martin (2000), que a meu ver esclarece a questão, ao afirmar que o significado interpessoal pode também ser realizado através de configurações ideacionais, e propõe a noção de '*token* de atitude', para denominar o modo pelo

qual o significado ideacional pode ser ‘saturado’ em termos avaliativos, ou desenvolvendo o sistema de avaliatividade que apresento a seguir. Dessa forma, enquanto os elementos da **avaliatividade** (*appraisal*) (MARTIN 2000): **afeto**, **juízo** e **avaliação** - referentes ao posicionamento pessoal do autor do texto -, são freqüentemente inscritos explícita e diretamente num texto (através de léxico como: ‘medo’, ‘covardemente’ ou ‘poderoso’), o *token* de atitude é um termo que se refere à realização indireta de avaliação (através de expressões como: ‘ele prefere não opinar’ em contexto em que a expressão pode equivaler a ‘ele tem medo’). Essa noção possibilita à teoria dar conta de uma palavra ou conjunto de palavras que são usados para disparar ou ‘evocar’ um juízo por parte do leitor. Em outras palavras, ela explica o modo pelo qual o significado ideacional é explorado para efeitos interpessoais.

O sistema de avaliatividade é formado: (1) pelo sub-sistema de **atitude**, que inclui: (a) **afeto** - recursos para a construção de respostas emocionais; (b) **juízo** - recursos para julgar comportamentos em termos ‘éticos’; e (c) **apreciação** - recursos para avaliar textos e produtos em vez de comportamentos; (2) pelo sub-sistema de **gradação**, que gradua os significados ao longo de dois possíveis parâmetros aumentando ou diminuindo a intensidade - **força** ou aguçando e suavizando o **foco**; e finalmente, (3) o sub-sistema de **compromisso**, que é um conjunto de recursos através do qual o escritor (ou o falante) se posiciona, construindo a audiência como partilhando a mesma visão de mundo: **monoglóssico** ou, por outro lado, adota uma posição que explicitamente mostra diversidade com implicação de conflito e luta entre as vozes: **heteroglóssico**. O quadro 2 simplifica esses subsistemas:

Quadro 2 - Recursos da Avaliatividade (Sarangi & Martin 2003)

AVALIATIVIDADE (APPRAISAL)	COMPROMISSO	monoglóssico	
		heteroglóssico	
	ATITUDE	afeto	
		juízo	
		apreciação	
	GRADAÇÃO	força	aumenta
			diminui
		foco	aguça
			suaviza

#### 1.4.1 O compromisso

O estudo que White (2003) faz do item compromisso, da avaliatividade, é de interesse para a compreensão do metadiscurso. Ele propõe uma análise de recursos lingüísticos referentes ao posicionamento intersubjetivo (que têm sido rotulados de *modalidade, polaridade, evidencialidade, hedging, intensificação, atribuição, concessão e conseqüência*). Inspirando-se na noção de perspectiva dialógica de Bakhtin/Voloshinov (1988), ele tenta mostrar que recursos léxico-gramaticais podem ser reunidos em termos da semântica discursiva ou retórica, fornecendo meios para o falante posicionar-se em relação a pontos de vista ou posições sociais referenciados pelo texto e, por conseguinte, alinhar-se ou não em relação a outros sujeitos sociais.

Para Bakhtin/Voloshinov (1988), toda comunicação verbal, escrita ou falada, é 'dialógica', ou seja, falar ou escrever é referir-se àquilo que foi dito/escrito antes, e simultaneamente, antecipar respostas potenciais ou imaginadas pelos leitores ou ouvintes.

White se inspira em Martin (1992, 1997) [veja quadro acima], desenvolvendo a categoria de Compromisso (*engagement*) e em Stubbs (1996), que estendeu a categoria de 'modalidade' para além dos verbos modais, incluindo todas as palavras com as quais os escritores modulam sua adesão ou oposição à proposição.

Para examinar e descrever adequadamente a funcionalidade comunicativa desses recursos léxico-gramaticais, é necessário vê-los como fundamentalmente dialógicos ou interativos. Pelo uso de palavras como *talvez, tem sido afirmado que, naturalmente, eu acho*, a voz textual age, antes de mais nada, para reconhecer, comprometer-se ou alinhar-se com posições que podem ser alternativas àquilo que está sendo dito no texto.

A abordagem que White oferece refere-se a questões sempre levantadas na análise da semântica do discurso – as relações de status, poder, contato social e solidariedade construídas no texto, e por que padrões de escolhas lexico-gramaticais são construídos os diferentes tipos de *personae* do autor, e por que meios os textos constroem para si os leitores pretendidos, ideais e modelares. A taxonomia que oferece meios para evidenciar como as vozes textuais se engajam com vozes

alternativas e ativamente representam o contexto comunicativo como caracterizada pela diversidade heteroglóssica.

White se afasta, portanto, de propostas sobre modalidade e evidencialidade (e.g. LYONS, 1977; PALMER 1986 ou CHAFE & NICHOLS, 1986) e de alguma literatura sobre *hedging* (e.g. MARKKANEN & SCHRÖDER, 1997) em que os modais epistêmicos e recursos similares são tratados como tendo somente a função de revelar o estado de espírito ou conhecimento do autor.

O termo 'compromisso heteroglóssico' é usado como um rótulo geral para os referidos recursos, que podem ser divididos em duas amplas categorias: dialogicamente expansivos (possibilitam alternativas) ou dialogicamente contráteis (restringem as possibilidades).

Em termos amplos, o autor distingue entre enunciados **heteroglóssicos** ou dialogísticos - nos quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas - e enunciados **monoglóssicos** - afirmações não-dialogizadas (*bare assertions*).

Num enunciado monoglóssico, não há possibilidades de posições alternativas, pois as proposições são declaradas de maneira absoluta. Do ponto de vista da perspectiva bakhtiniana, essas afirmações são 'monoglóssicas' ou 'não-dialógicas' (BAKHTIN 1935 [1981]:427).

O que isso significa em termos da retórica ou posição intersubjetiva? Pergunta White. Aqui é preciso considerar os contextos em que tais afirmações operam. Embora muita pesquisa baseada em corpus seja ainda necessária, pode-se afirmar que essas afirmações estão associadas com 'conhecimento' consensual, versões-de-eventos que são vistos como 'fatos' – isto é, as proposições são consideradas não problemáticas e geralmente 'conhecidas' ou 'aceitas' no contexto comunicativo corrente. São comuns em termos ontológicos, epistêmicos e axiológicos entre a voz textual e a audiência, em que esta opera supostamente com o mesmo conhecimento, crenças e valores emitidos pelas proposições. Myers (1990) observa que enunciados monoglóssicos (*'unhedged'*) no discurso científico “não são afirmações sobre novos conhecimentos”, mas, ao contrário, afirmações sobre ‘fatos’ e conhecimento estabelecido.

## 1.5 A modalidade objetiva e a subjetiva

Em qualquer enunciado proposicional, o produtor deve indicar o que Hodge e Kress (1988: 123) chamam de um grau de 'afinidade' com a proposição; portanto, qualquer enunciado desse tipo tem a propriedade da modalidade, ou é 'modalizada'.

A **modalidade** na gramática era tradicionalmente associada com os verbos auxiliares *modais* ('dever' - obrigação moral; 'poder' - permissão, possibilidade; 'poder' - capacidade, 'dever', etc.), que são um meio importante de realizar a modalidade. Entretanto, a abordagem sistêmica da gramática, a que Hodge e Kress (1988) recorrem, ensina que os auxiliares modais são apenas um aspecto da modalidade entre muitos (Cf. HALLIDAY, 1985: 85-89). O tempo verbal é outro: o *presente do indicativo* 'é' realiza uma modalidade categórica. Outro aspecto é o conjunto de *advérbios modais*, como 'provavelmente', 'possivelmente', 'obviamente' e 'definitivamente', com seus adjetivos equivalentes (por exemplo, "é provável/possível que a terra seja plana"). Além dessas possibilidades, existe ainda uma gama um tanto difusa de formas de manifestação de vários graus de afinidade: *indeterminações* ('uma espécie de', 'um pouco', 'ou uma coisa assim'), *padrões de entonação*, *fala hesitante*, e assim por diante.

A modalidade pode ser **subjetiva**, no sentido de que a base subjetiva para o grau de afinidade selecionado com uma proposição, pode ser explicitado: '*penso/suspeito/duvido*' que a terra seja plana. Ou a modalidade pode ser **objetiva**, em que essa base subjetiva está implícita: "a terra '*pode ser*'/ é '*provavelmente*' plana".

É comum que a modalidade se realize em múltiplos aspectos de um enunciado ou de uma frase simples. Por exemplo, em "*penso que ela estava um pouco bêbada, não estava?*", a baixa afinidade é expressa no marcador de modalidade subjetiva '*penso*', na indeterminação '*um pouco*' e na adição de uma pergunta final à asserção '*não estava?*'.

Porém, segundo Hodge e Kress, na modalidade há mais do que o comprometimento do falante ou do escritor com suas proposições. Os produtores indicam comprometimento com as proposições no curso das interações com outras pessoas, e a afinidade que expressam com as proposições é freqüentemente difícil de separar de seu sentido de afinidade ou solidariedade com os interagentes. Por

exemplo, "ela não é bonita!" ou "ela é bonita, não é?" são formas de expressar alta afinidade com a proposição "ela é bonita", mas também formas de expressar solidariedade com a pessoa com quem se fala.

A modalidade é um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais - ou, nos termos da lingüística sistêmica, entre as funções ideacional e interpessoal da linguagem. Além dos exemplos específicos, há mais propriedades gerais associadas com a modalidade nas práticas da mídia. Assim, por exemplo, a mídia geralmente pretende tratar de fatos, da verdade e de questões de conhecimento. Ela sistematicamente transforma em 'fatos' o que freqüentemente não passa de interpretações de conjuntos de eventos complexos e confusos. Em termos da modalidade, isso envolve uma predileção por modalidade categóricas, asserções positivas e negativas e, portanto, pouco uso de modalizadores. Há também predileção por modalidades objetivas que permitem que perspectivas parciais sejam universalizadas.

Trago, a seguir, a palavra de Verstraete (2001) sobre modalidade, em que ele distingue as funções nela envolvidas, e explica com detalhes a modalidades epistêmica envolvida na questão do metadiscurso.

Segundo esse autor, os modais podem exercer tanto a função *ideacional* - conteúdo quanto à *interpessoal* - relação entre interlocutores. Alguns, só têm a função ideacional: os modais de habilidade e volição não expressam comprometimento interpessoal do falante, o que pode ser observado em:

(4) *Uhm so you can drive can you* ( Ahn então você pode dirigir, você pode (habilidade) )

(5) *I mean she won't see a psychiatrist at all anything* (Eu penso que ela não deseja ver um psiquiatra para simplesmente qualquer coisa (volição) )

Verstraete (2001) cita Coates (1987:112), que descreve a modalidade epistêmica como preocupação com as "pressuposições ou avaliação de possibilidades do falante e, na maioria dos casos, indicativa da confiança ou falta de confiança do falante com relação à verdade expressa na proposição." A definição de Lyons(1977:797) de modalidade epistêmica é bem conhecida: "qualquer enunciação na qual o falante qualifica explicitamente seu compromisso com a verdade de uma

proposição expressada pela sentença que ele enuncia... é uma sentença epistemologicamente modal ou modalizada.

Os escritores evitam codificar seus pontos de vista para com qualquer coisa que digam, comentando suas proposições, ora se comprometendo, ora se distanciando delas.

Como foi mencionado acima, os *hedgings* são parte da modalidade epistêmica, indicam a falta de disposição do falante ou escritor de demonstrar um compromisso explícito e completo para com a verdade de proposições. Em conversas cotidianas, os *hedgings* são comumente expressados pelo uso de verbos auxiliares e por adjetivos epistêmicos, advérbios e verbos lexicais. Formas conversacionais comuns incluem termos como *talvez*, *acho*, *pode ser*, *um tanto*, *mais ou menos*, enquanto na prosódia, *tag questions* (perguntas de confirmação), *verbal fillers* (preenchimentos de pausas/ pausas preenchidas), e marcadores de hesitação também funcionam como *hedgings* quando usados para atenuar a força de um enunciado (Cf. COATES & CAMERON, 1988; HOLMES, 1995). A pesquisa acadêmica também inclui diversas expressões de *hedgings* que se utilizam de todos os recursos lexicais epistêmicos.

Portanto, o estabelecimento de *hedgings*, para Verstraete, não se restringe ao uso de expressões lexicais; os dados de sua pesquisa revelam perguntas, marcadores de condicionais e de contraste que podem estabelecer o grau de certeza. Indicam ainda a medida da dúvida do escritor ao fazer com que a verdade de uma proposição seja relacionada ao estado atual de um conhecimento (limitado):

Segundo o autor, os escritores também perceberam que o uso da voz passiva e dos tempos verbais pode servir às declarações de *hedgings* por distanciarem o escritor de suas asserções. No entanto, a dificuldade em se determinar a motivação precisa, assim como o efeito dessas estratégias sintáticas, com alguma segurança, fazem com que elas fiquem fora do escopo deste estudo.

Verstraete diz que, via de regra, o discurso acadêmico envolve o uso de declarações interpretativas uma vez que os acadêmicos estão decididamente preocupados com as variedades da cognição, e a cognição está, inevitavelmente, limitada (*hedged*) e os escritores apresentam uma avaliação da informação referencial que fornecem. Ao invés de ser factual e impessoal, o trabalho científico

efetivo, na realidade, depende das formas de aumentar as informações proposicionais para ativar os leitores sobre a opinião do escritor.

Uma boa razão para se estudar os *hedgings* científicos é, portanto, a revelação do elemento essencial do argumento acadêmico. Os *hedgings* são formas cruciais de se apresentar novas pretensões de ratificação e estão entre as características primárias que moldam o artigo de pesquisa como o veículo principal para novos conhecimentos.

## 1.6 A autoridade no discurso

McCabe (2004) estuda a metafunção interpessoal, comparando livros-texto em inglês e espanhol. Embora os dados não se refiram a textos científicos, julguei que sua pesquisa pudesse contribuir para a compreensão da importância dos recursos avaliativos sobre os quais versa esta seção.

O autor focaliza a metafunção interpessoal da linguagem (Cf. HALLIDAY 1994), ou seja, a oração como um evento interativo entre escritores e leitores. O significado interpessoal é expresso através de diferentes escolhas lingüísticas, incluindo *mood* e modalidade da oração. Assim, esses dois conceitos de níveis da oração são analisados em um *corpus* de livros-texto americano e espanhol. O estudo procura corroborar a noção de que eventos históricos em livros-texto são apresentados como mais ou menos fechados à interpretação, já que construídos de um modo em que se fortalece a autoridade do escritor, especialmente nos casos em que os autores se sentem confiantes de que há acordo suficiente sobre a evidência de uma dada interpretação, como amplamente aceita e não como mera conjectura. A autora tenta demonstrar as duas hipóteses, isto é, em livros-texto de história, o modo declarativo predomina e que a modalidade é minimizada.

Diz McCabe que a própria história, como um campo que é construída através do discurso, não é uma descrição dos eventos da forma pela qual eles ocorreram, como em um comentário de jogo de futebol, mas antes, 'a história é um discurso desviante construído por historiadores (JENKINS, 1991: 13). Essa natureza construída do campo está geralmente escondida dos leitores.

Na escrita da história em geral, o passado é apresentado como “o modo como as coisas aconteceram”; os historiadores, naturalmente, estão bem cientes de que há diversas interpretações possíveis a respeito “da maneira como as coisas aconteceram”. No entanto, o efeito que os historiadores tentam alcançar para impressionar o leitor é o de que a estrutura da interpretação, é a estrutura da facticidade’ [ênfase original] (Cf. BERKHOFER 1989:190-191).

A respeito dos livros-texto de história escritos para a escola secundária, Coffin (1997) enfatiza essa natureza interpretativa, de forma que ela “serve mais para construir do que meramente refletir a realidade histórica” (1997: 200). Os eventos históricos nos livros-texto são apresentados como mais ou menos fechados à interpretação, já que são construídos de uma maneira a fortalecer a autoridade do escritor.

Hyland (1998) enfatiza a importância da expressão de dúvida e incerteza dos autores em sua escrita: Eles se esforçam para que suas idéias sejam aceitas ' pelo equilíbrio entre convicção e a cautela, ou por declarações investidas convicção (HYLAND 1998: 349).

Nos livros texto, há relação assimétrica entre o escritor e o leitor; o escritor pode ser pensado como tendo um conhecimento, para o qual o leitor é desprovido.

Como eles conseguem essa autoridade? Halliday (1996:364-365) escreve: ‘se eles devem funcionar efetivamente, os leitores precisam acreditar no que esses livros dizem’. Ele se apóia em Luke et al. (1989) e Olson (1989) que indicam:

‘textbooks sanctify 'authorized (educational) knowledge' simply by authorizing it - what is in the text is thereby defined as knowledge - and text books maintain this authority by various means such as claiming objectivity and creating distance between performer and reader, and so come to be accepted as 'beyond criticism'. ... textbooks strive for clarity, explicitness and an unambiguous presentation of the facts; they seek to 'delimit possible interpretations'. (Halliday 1996: 365)

Isso porque para Halliday, todas as orações independentes são ambas indicativas ou imperativas no *mood*; se elas são indicativas, elas são ambas *declarativas* ou *interrogativas*. Na esfera do significado, estão envolvidos a troca de

informações (como em oposição ao uso da língua para oferecer ou solicitar bens ou serviços) os *moods declarativos* permitem ao escritor codificar proposições as quais podem ambas serem afirmativas ou negativas através da escolha de ambos os pólos, negativo ou positivo. A modalidade (no caso de proposições: modalidade epistêmica) refere-se à série de significados disponíveis entre os pólos ‘sim’ e ‘não’ (HALLIDAY, 1994). A escolha entre declarativas não-modalizadas versus modalizadas tem implicações importantes na mediação do conhecimento entre escritor e leitor.

Orações não-modalizadas, tais como: ‘A pólis deu aos indivíduos um sentido de pertencer’, sugerem uma leitura monoglóssica da proposição, que não está aberta à negociação (WHITE, 1998); em outras palavras, o escritor ‘encoraja o leitor a supor que a proposição é não-problemática e que ela desfruta de amplo consenso’ (Cf. COFFIN, 2002). A modalidade, por outro lado, permite aos falantes ‘aceitar a existência de controvérsia de uma proposição, o desejo de negociar com aqueles que têm opinião diferente, ou respeitar o ouvinte / leitor em relação a visões alternativas’ (Cf. WHITE, 1998). Uma proposição modalizada como ‘Provavelmente, eles não viram sentido em trabalhar para o futuro quando o futuro era tão incerto’ oferece uma visão heteroglóssica da proposição. Esse marcador explícito de negociabilidade (*provavelmente*) ao contrário da declarativa positiva, não supõe ou não simula solidariedade entre escritor e leitor’ (COFFIN, 2002).

McCabe (2004) examina três categorias de modalização, registradas a seguir:

Quadro 3 - Categorias de modalização

Adjuntos modais	Modalidade metafórica	Operadores modais finitos
<i>Acima de tudo, realmente, quase sempre, já, sempre, como se esperaria, basicamente, mais significativa ainda, evidentemente, frequentemente, geralmente, gradualmente, de fato, em geral, provavelmente, mais frequentemente, mais ameaçadoramente, mais frequentemente, muito mais frequentemente, sem dúvida, é natural, presumivelmente, primeiramente, provavelmente, raramente, digamos, somente, às vezes, logo, etc.</i>	(a) construções extrapostas e.g. É possível que ...  (b) orações existenciais com modal nominalizado (claro) e.g. Não há evidência <u>clara</u> de que...  (c) orações projetadas por processos mentais e verbais e.g. Podemos <u>supor</u> que ... Alguns linguistas até <u>afirmam</u> ...	Poder, precisar, dever, querer etc.+ as inflexões (Poderíamos ir – Iríamos – façamos)

MacCabe, em sua pesquisa, diz que objetivo primeiro de um livro-texto é fornecer informação. A função de fala que codifica o fornecimento de informação é a declaração. Assim, a escolha do modo declarativo seria a mais óbvia para os escritores de livros-texto codificar suas proposições. Dentro dessa escolha, eles podem então modalizar suas proposições; contudo, os marcadores textuais de modalidade trabalhariam contra a tentativa de expressar a factualidade, já que abre possibilidades de interpretações alternativas, sugerindo com isso uma falta de consenso, e conseqüentemente minando a autoridade da declaração. Por isso, o autor conjectura que, em livros-texto, a modalidade não será muito usada.

### **1.7 O metadiscurso: persuasão no discurso acadêmico**

O metadiscurso, segundo Hyland (1998), também comumente chamado de “discurso sobre o discurso”, é um conceito relativamente novo, embora seja também um conceito cuja importância cresce a cada dia no que diz respeito à produção, compreensão e estrutura textual. Baseado em uma visão de escrita como engajamento social e comunicativo entre escritor e leitor, o metadiscurso mantém nossa atenção enfocada nas formas pelas quais o escritor se projeta em seu trabalho com a finalidade de sinalizar suas intenções comunicativas. Esse conceito é um construto central da Pragmática que nos permite perceber como o escritor busca influenciar a compreensão do leitor tanto sobre o texto quanto sobre sua atitude para com o conteúdo e o público.

O metadiscurso é aqui definido como os aspectos do texto que se referem explicitamente à organização do discurso ou à posição do escritor para com o conteúdo ou para com o leitor. Embora o termo não seja sempre utilizado da mesma forma (Cf. SWALES, 1990:188), as discussões acerca de metadiscurso têm sido bastante influenciadas pelas distinções de Halliday (1973) sobre elementos ideacionais do texto e seus significados textuais e expressivos. O termo é, portanto, usado para falar de aspectos não proposicionais do discurso que ajudam a organizar a prosa em um texto coerente e demonstrar a personalidade e credibilidade do escritor, assim como sua sensibilidade para com o leitor e seu relacionamento com o próprio texto (CRISMORE et al, 1993). O metadiscurso é a manifestação lingüística e retórica do autor no texto para “apoiar a organização discursiva e as expressivas

implicações do que está sendo dito” (SCHIFFRIN, 1980:231). Enquanto alguns analistas limitaram o enfoque do metadiscorso a aspectos de organização textual (MAURANEN, 1993; VALERO-CARCES, 1996) ou de predicados explicitamente ilocucionários (Beauvais, 1989), expandi-lo chama a atenção às formas pelas quais os escritores se revelam, além de revelarem seus propósitos comunicativos.

A escrita de pesquisa é um dos domínios no qual a orientação do leitor é crucial para garantir os objetivos retóricos. Apesar de muitas vezes ser considerado predominantemente proposicional, o ato de convencer um público acadêmico da veracidade de seus argumentos envolve fazer escolhas lingüísticas que convencionalmente são reconhecidas por esse público como persuasivas. Em outras palavras, a eficácia de tais escolhas está em seus valores cultural e cognitivo para a comunidade. Assim, o metadiscorso pode ser visto como uma forma de facilitar as interações sociais que contribuem para a produção de conhecimento em disciplinas acadêmicas. Além disso, se o metadiscorso é um tipo de atividade retórica cujo uso e significado só é relevante para uma situação sócio-retórica específica dentro da qual funciona, é provável que seja variável dentro de tais comunidades.

### 1.7.1 Uma visão pragmática do metadiscorso acadêmico

A comunicação acadêmica é uma atividade social cuja função nas culturas de disciplinas é facilitar a produção de conhecimento. Os escritores devem, diz Hyland (1998), organizar dados e observações em padrões que sejam significativos para os leitores. Assim, parte da competência acadêmica envolve a familiaridade com práticas discursivas convencionais de uma comunidade de disciplina específica (Cf. BRUFFEE, 1986; SWALES, 1990; 1996). Embora haja, no momento, uma tendência a ver as comunidades discursivas como construtos retóricos que “persistem por instância e engajamento ao invés de existirem por pertencerem à coletividade” (SWALES, 1993:696), sua influência em relação a práticas retóricas de escritores não é menos importante. Gêneros significativos, tais como o artigo de pesquisa (AP), são parte integrante da metodologia de disciplinas uma vez que garantem que a informação seja transmitida conforme suas normas e ideologia.

A percepção de público de um escritor é crucial já que ter argumentações acadêmicas aceitas envolve tanto a exposição racional quanto a manipulação de

características retóricas e interativas. Há uma variedade de pesquisas sociológicas que demonstram que a validação de conhecimento é um processo social envolvendo a argumentação para o público. Em outras palavras, uma prosa acadêmica de sucesso envolve relacionar atos ilocucionários a efeitos perlocucionários, se um escritor quer que a mensagem seja compreendida (efeito ilocucionário ou *uptake*) e aceita (intenção de efeito perlocucionário). No entanto, relacionar esses dois fatores é complicado pelo fato de que não há um meio independente e objetivo de distinguir observação de suposição. Há sempre mais de uma interpretação plausível para cada dado e os leitores sempre ficam com a opção de rejeitar a mensagem do escritor. Essa necessidade de ratificação revela, portanto, a possibilidade de negação de afirmações, assim como o papel ativo de leitores na construção de tais mensagens. O metadiscorso é uma indicação da resposta do escritor ao potencial de negação de suas afirmações; é uma intervenção para atrair o leitor e antecipar possíveis objeções ou dificuldades de interpretações. Seu papel no discurso acadêmico é, por isso mesmo, retórico, sua preocupação é galvanizar apoio, expressar colegialidade, resolver dificuldades e evitar disputas.

### 1.7.2 Um esquema metadiscursivo

Segundo Hyland (1998), uma variedade de taxonomias de metadiscorso já foram propostas (e.g. BEAUVAIS, 1989; CRISMORE, 1989; MAURANEN, 1993; NASH, 1992; VANDE KIPPLE, 1985). Hyland fala em metadiscorso **textual** e metadiscorso **interpessoal**, adotando um sistema que segue o de Crismore et al. (1993). Um escritor quer que sua mensagem seja entendida (efeito ilocucionário) e quer também ser aceito (efeito perlocucionário esperado). O autor elabora o seguinte quadro com as funções do metadiscorso em textos acadêmicos.

Quadro 4 - Funções do metadiscurso em textos acadêmicos (Hyland, 1998)

<b>Categoria</b>	<b>Função</b>	<b>Exemplos</b>
<b>METADISCURSO TEXTUAL</b>		
Conectivo lógico	expressa rel. semântica entre or. principais	<i>além disso, mas, por conseguinte, assim, e</i>
Marcador endofórico	refere-se a informação de outras partes do texto	<i>referido acima, veja fig.2, abaixo</i>
Marcador de enquadre	refere-se aos estágios do texto	<i>finalmente, repetindo, Nosso objetivo, tentamos</i>
Evidencial	refere-se a fontes de informação	<i>conforme fulano, fulano (1990), fulano diz</i>
Comentário codificado	ajuda o leitor a entender o significado ideacional	<i>ex., isto é, em outras palavras, tal como</i>
<b>METADISCURSO INTERPESSOAL</b>		
Hedges	evita total compromisso do escritor	<i>poderia, talvez, é possível, cerca de</i>
Enfáticos	ênfatisa a certeza/força do escritor	<i>de fato, definitivamente, está claro, obviamente</i>
Marcador atitudinal	expressa a atitude do escritor em relação conteúdo	<i>surpreendentemente, concordo, fulano afirma</i>
Marcador relacional	constrói a relação com o leitor	<i>francamente, note que, você pode ver</i>
Marcador para o autor	referência ao autor	<i>eu, meu, nós, nosso (exclusivo)</i>

Em sua pesquisa, Hyland encontrou um metadiscurso a cada 15 palavras. A categoria com maior número de ocorrência foi a de *hedges* (constituiu a metade do metadiscurso interpessoal), talvez devido ao gênero texto acadêmico.

#### 1.7.2.1 *Metadiscurso textual*

O metadiscurso textual refere-se aos artifícios usados pelo escritor para mostrar a interpretação que deseja para os significados proposicionais que expressa no texto. Ele se refere a dispositivos que permitem a recuperação da intenção do escritor pelo estabelecimento explícito de interpretações de significados proposicionais preferidas. Os itens dessa categoria têm cinco macro-funções.

- (a) *Conectivos lógicos*: termo de Crismore, utilizado para se referir a itens, mais especificamente conjunções, que ajudam os leitores a interpretar conexões pragmáticas entre as idéias pela sinalização das relações de adição, resultado, contraste no pensamento do escritor.

- (b) *Marcadores de enquadre*: são referências explícitas a fronteiras textuais ou elementos da estrutura textual esquemática que podem introduzir mudanças no discurso ou preparar para o próximo passo na argumentação. Essa categoria combina vários dos grupos propostos por Crismore e inclui itens usados para mostrar seqüências (tais como, *primeiro, depois*, números e letras), para sinalizar os estágios do texto (*para concluir, em resumo*), para anunciar os objetivos do discurso (*o que discuto aqui, meu objetivo é*) e para indicar mudança de tópico (*bem, agora*)
- (c) *Marcadores endofóricos*: expressões que se referem a outras partes do texto (ex.: *ver Tabela 2, como foi indicado acima*).
- (d) *Evidenciais*: expressões com função metadiscursiva semelhante por indicar a fonte de informação textual que se origina fora do próprio texto.
- (e) *Comentário codificado*: refere-se à ação do escritor ao fornecer informação adicional para garantir que o leitor seja capaz de recuperar o significado pretendido, seja essa ação a de explicar, comparar ou expandir o que foi dito.

#### 1.7.2.2 *Metadiscurso interpessoal*

O metadiscurso interpessoal refere-se essencialmente a fatores interacionais e avaliativos que expressam a *persona* do escritor, alertando os leitores para as perspectivas do autor tanto em termos de informação proposicional quanto em relação aos próprios leitores. Assim sendo, contribui para que haja uma relação escritor-leitor e antecipa a possibilidade de negação subjetiva de afirmações. O metadiscurso aqui é essencialmente interacional e avalia e expressa a *persona* do escritor, “a personalidade criada e apresentada no ato da comunicação” (Campbell, 1975:394). Em escritos acadêmicos isso é socialmente definido como a comunidade discursiva e influencia assuntos tais como a proximidade ou afastamento do autor, a expressão de atitude, o nível de envolvimento por parte do leitor, o aparente compromisso ao conteúdo proposicional e assim por diante. Esse aspecto, portanto, se relaciona ao *teor* do discurso e diz respeito ao controle do nível de intersubjetividade de um texto, manifestando-se por meio de:

- (a) *Hedges*: dizem respeito a qualquer meio lingüístico usado para indicar (i) o não-compromisso com o valor de verdade de uma proposição ou (ii) o desejo de não expressar esse compromisso categoricamente. *Hedges* são itens como *possível*, *poder*, *talvez*, dentre outros, que marcam a relutância do escritor em apresentar ou avaliar informações proposicionais categoricamente (Holmes, 1988; Hyland, 1996a,
- (b) *Enfáticos*: tais como *é óbvio*, *definitivamente* e *é claro*; por outro lado, demonstram certeza e enfatizam a força da proposição. Tanto *hedges* quanto *boosters* (são utilizados para enfatizar a força ou a certeza que o escritor investe na sua proposição assim como uma sinalização do envolvimento com o assunto e solidariedade com a audiência. (*de fato*, *definitivamente*, *é claro que*, *obviamente*) equilibram informação objetiva, avaliação subjetiva e negociação interpessoal, o que pode ser um fator poderoso na contribuição para a aceitação das afirmações feitas no texto.
- (c) *Marcadores de atitude*: expressam a atitude afetiva do escritor em relação a informação textual de forma mais variada do que *hedges*, demonstrando surpresa, obrigação, acordo, importância e assim por diante.
- (d) *Marcadores relacionais*: são dispositivos que permitem ao escritor dirigir-se diretamente ao leitor, seja porque enfocam sua atenção seletivamente ou porque os incluem como participantes na situação textual.
- (e) *Marcadores para o autor*: refletem a importância do grau de presença do autor para a contribuição da variabilidade do teor do texto.

A subcategoria mais freqüente, nas pesquisas de Hyland, no entanto, é a de *hedges*, que compõe mais de metade de todos os usos interpessoais e é a única subcategoria não textual dentre os itens mais comuns. Isso, segundo o pesquisador, reflete a importância crítica de se distinguir fatos de opiniões em textos acadêmicos e a necessidade de escritores avaliarem suas afirmações de forma a torná-las persuasivas para seus pares, apresentando declarações que tragam tanto o devido cuidado quanto a devida consideração às visões da comunidade discursiva. Em geral, portanto, diz Hyland, que o uso do metadiscurso por parte de escritores acadêmicos demonstra uma preocupação principal com a divulgação explícita de argumentos e com a devida circunspeção.

Hyland diz ainda que está claro que o uso de metadiscurso para sinalizar a organização textual explicitamente, avaliará seu conteúdo e transmitir atitudes aos leitores. É importante em cada um dos campos acadêmicos analisados pelo autor, embora em diferentes níveis e de forma diversa. Apesar de já ter sido demonstrado que as diferenças em tipos de texto influenciam o tipo de metadiscurso usado (ex.: CRISMORE; FARNSWORTH, 1990), seus resultados forneceram evidência para apoiar a visão de que o metadiscurso é uma característica universal da escrita retórica profissional em inglês.

Artigos de pesquisa e outros canais de comunicação acadêmica são sancionados por um consenso dentre os membros da comunidade, consenso esse que tanto limita o uso de formas discursivas particulares quanto autoriza variações internas. Seria, de fato, surpreendente se tais *hedgings* se aplicassem somente a aspectos proposicionais do discurso e ignorassem a codificação de significados textuais e interpessoais. Em outras palavras, o sucesso da prosa acadêmica envolve a relação de atos ilocucionários aos efeitos perlocucionários.

### **1.8 Avaliação e Compromisso (stance e engagement)**

Diz Hyland (2005) que os acadêmicos não só produzem textos que representam uma realidade externa, mas também constroem e negociam relações sociais. Eles procuram oferecer uma representação confiável de si mesmos e de seu trabalho por meio do apelo à solidariedade dos leitores, avaliando o próprio material e as visões alternativas de conhecimento; por isso o controle do nível de persuasão em um texto se torna central na construção de um argumento convincente.

Conseqüentemente vários recursos lingüísticos tais como *hedges*, verbos de relato, construções com projeção, perguntas, pronomes pessoais, e diretivos têm sido examinados pelo papel que exercem na tarefa de persuadir. De que modo o acadêmico usa a língua para expressar sua avaliação e se relacionar com os leitores?

Assim, qualquer artigo de pesquisa de sucesso antecipa a resposta do leitor e responde a um discurso amplo já em progressão. Isso coloca o escritor intertextualmente dentro de uma ampla rede de opiniões (BAKHTIN, 1986), e na

comunidade cujos membros provavelmente reconhecerão apenas certas formas de argumento como válidas e efetivas.

A **avaliação** e o **compromisso** são dois lados da mesma moeda, diz Hyland, e porque eles contribuem para a dimensão interpessoal do discurso e há cruzamentos entre eles. O estudo dessas dimensões é um ponto de partida útil para explorar o modo como a interação e a persuasão são alcançados no discurso acadêmico. Hyland (2005) elabora o seguinte quadro:

Quadro 5 – Avaliação e Compromisso (Hyland, 2005)

<b>INTERAÇÃO</b>		
<b>AVALIAÇÃO</b> (Estas categorias já foram apresentadas no Quadro 4)		
hedge	evita total compromisso do escritor	<i>poderia, talvez, é possível, cerca de</i>
enfáticos	ênfatisa a certeza/força do escritor	<i>de fato, definitivamente, está claro, obviamente</i>
marcador atitudinal	expressa a atitude do escritor em relação conteúdo	<i>surpreendentemente, concordo, fulano afirma</i>
auto-menção	referência ao autor	<i>eu, meu, nós, nosso (exclusivo)</i>
<b>COMPROMISSO</b>		
pronomes do leitor	traz o leitor para o discurso	<i>você, seu (os mais comuns), nós</i>
diretivo	instrui o leitor a realizar ato	<i>considere, note, imagine, deve</i>
pergunta	estratégia de envolvimento dialógico; Hyland diz que 80% dos casos eram de perguntas retóricas	<i>o que esses fatos têm em comum?</i>
conhecimento partilhado	convida o leitor a reconhecer algo como familiar ou aceito	<i>é claro que sabemos, é diferente do que conhecemos</i>
participação pessoal	interrompe o curso do argumento para comentar algo	<i>e, acredito que todos já sabem – que a ...</i>

### 1.8.1 Avaliação

Para Hyland, a avaliação expressa a ‘voz’ textual ou a personalidade reconhecida pela comunidade. É uma dimensão atitudinal e inclui traços que se referem aos modos como os escritores se apresentam e expressam seus julgamentos, opiniões e compromissos.

### 1.8.2 Compromisso (segundo Hyland)

Os escritores se relacionam com os leitores a respeito de posições adiantadas no texto. É uma dimensão de alinhamento, em que os escritores aceitam e se ligam a outros, reconhecendo a presença dos leitores, trazendo-os para junto de si por meio de argumentos, enfocando sua atenção, tomando conhecimento de suas incertezas, incluindo-os como participantes do discurso e guiando-os na interpretação.

Os escritores trazem os leitores para o discurso, antecipando possíveis objeções, para comprometê-los de modo apropriado. Há duas metas para o escritor usar estratégias de Compromisso:

- Reconhecimento de necessidades para satisfazer as expectativas do leitor de inclusão e solidariedade na área; os leitores são considerados como participantes na argumentação por meio de pronomes e interjeições.
- Para posicionar retoricamente a audiência, trazendo o leitor para pontos críticos do discurso, prevendo possíveis objeções e guiando-os para certas interpretações através de perguntas, diretivos e referência a conhecimentos partilhados.

Hyland acrescenta a essas duas funções, cinco elementos que auxiliam a observação de algumas das formas pelas quais os escritores trazem o leitor para o texto, e como isso ocorre em disciplinas diferentes:

- *Pronomes para o leitor: (você, nós) - 'Nós'*, o mais usado, envia um sinal claro de *membership*, construindo textualmente escritor e leitor como participantes com compreensão e metas semelhantes.
- *Diretivos*: Instruem o leitor a realizar a ação ou a ver as coisas como determina o escritor. São sinalizados por imperativo (*considere, note, imagine*); modal de obrigação (*deve, deveria*); por adjetivo predicativo (*é preciso, é importante*). Os diretivos fazem o leitor comprometer-se em três tipos e atividade:
  - (i) Atos textuais (guiam metadiscursivamente os leitores através da discussão, encaminhando-os a outros trechos ou a outros textos)

- (ii) Atos físicos (instruem os leitores a realizar os processos da pesquisa ou realizar uma ação na vida real)
- (iii) Atos cognitivos (guiam os leitores a uma linha de raciocínio: são potencialmente os mais ameaçadores tipos de diretivos).
- *Perguntas*: são estratégias de envolvimento dialógico *par excellence*, convidando ao engajamento e trazendo o interlocutor para a arena onde ele pode ser conduzido a aceitar o ponto-de-vista do escritor. 80% das perguntas do *corpus* analisado por Hyland eram retóricas, apresentando uma opinião como uma interrogativa, apenas para dar a impressão de que o leitor julga, quando na verdade não se espera resposta.
  - *Apelo ao conhecimento partilhado*: A noção de ‘partilhamento’ é freqüentemente invocada pelos escritores para introduzir camufladamente (contrabandear, *smuggle*) idéias contestadas em seu argumento. Aqui, Hyland só trata dos marcadores explícitos, mas é claro que o processo envolve muitos elementos implícitos.
  - *Participação pessoal*: Permitem que os escritores se dirijam diretamente aos leitores, interrompendo brevemente o argumento para oferecer um comentário sobre o que dizem, e podem ser considerados como uma chave na estratégia orientada-para-o-leitor.

A seguir, trago as teorias de Goffman (1979) e Brown e Levinson (1987) que dizem respeito ao conteúdo interpessoal desta pesquisa.

## 1.9 FOOTING (Alinhamento)

Um princípio básico para a compreensão do discurso e para a análise da interação é o conceito de *enquadre*, introduzido por Gregory Bateman e desenvolvido por Erving Goffman no seu extenso estudo intitulado *Frame Analysis* (Análise de enquadres), publicado em 1974. O enquadre formula a metagemagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Em 1979, Goffman introduz o conceito de *footing*, já como um desdobramento do conceito de enquadre no discurso.

*Footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Nesse trabalho, Goffman desconstrói as noções clássicas de falante e ouvinte, passando a discutir a complexidade das relações discursivas presentes na estrutura de produção (relativa ao falante) e na estrutura de participação (relativa ao ouvinte). Analisar esse trabalho de natureza sociológica significa olhar para o desempenho das identidades sociais e lingüísticas dos participantes engajados em uma situação de interação face a face: como essas identidades emergem, como se constituem no discurso e como afetam de forma sutil, porém definitiva, a interação em curso. Tomemos um segmento de interação:

O Presidente Nixon, um cavalheiro à moda antiga, resolveu caçoar de uma jornalista que usava calças compridas na Casa Branca, após uma cerimônia de assinatura de um documento não Salão Oval. Ele perguntou a Helen Thomas o que seu marido achava de seu hábito de usar calças compridas.

- Ele não se importa, - ela respondeu.

- Calças são mais baratas do que vestidos?

- Não – disse Helen Thomas.

- Então mude – determinou o Presidente com um sorriso largo e malicioso, enquanto os outros repórteres e cinegrafistas caíam na gargalhada.

O gracejo de Nixon, segundo Goffman, pode trazer à tona várias questões. Em nossa sociedade, toda vez que dois conhecidos se encontram para tratarem de negócios, de assuntos profissionais ou de serviços, pode haver, tanto no início como no fim da transação, uma "conversa trivial", ou um papo – uma mini-versão de "pré-jogo" e "pós-jogo". A atitude de Nixon, um prato cheio para ilustrações, configura-se no que os lingüistas denominam "alternância de código"; código, neste caso, referindo-se a língua ou dialeto. A alternância de código está, na verdade, presente em quase todas as instâncias da vida conversacional. Gumperz, (1976b) tenta identificar o que essas alternâncias marcam e como funcionam.

O mais relevante para os propósitos do livro é que Gumperz e seus colaboradores passam a se deter também sobre aquele comportamento de alternância de código que absolutamente não envolve qualquer mudança de código.

A questão é que, não se tendo acesso à orientação corporal e ao tom de voz, facilmente se incorreria em erro considerar os três segmentos como um texto contínuo, sem perceber que estavam ocorrendo mudanças significativas de alinhamento entre falante e ouvintes. A mudança de *footing* está comumente vinculada à linguagem; quando este não for o caso, ao menos podemos afirmar que os marcadores paralinguísticos estarão presentes.

Goffman (1974) distingue três facetas na pessoa do falante: animador, autor e principal (ou responsável).

- a) Animador - é aquele que move seus lábios para cima e para baixo, acompanhando seus próprios movimentos (faciais e algumas vezes corporais), e palavras podem ser ouvidas, emitidas do ponto exato da sua boca. É sua caixa sonora em uso, a máquina de falar, um corpo envolvido numa atividade acústica ou um indivíduo engajado no papel de produzir elocuições. O animador não pode ser designado como um papel social, mas apenas analítico.
- b) Autor - como diz o nome é o autor das palavras ouvidas, alguém que selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras nas quais eles estão codificados.
- c) Principal - (termo usado por Goffman ) ou "responsável" (tradução portuguesa) é alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas, alguém cujas opiniões/crenças são verbalizadas, alguém que está comprometido com o que as palavras expressam. Não se lida tanto com um corpo ou mente, mas sim com uma pessoa que ocupa algum papel ou identidade social específica, alguma qualificação especial como membro de um grupo, posto, categoria, relação, ou qualquer fonte de auto-identificação socialmente referenciada.

É claro, diz o autor, que o mesmo indivíduo pode rapidamente alternar o papel social que ocupa, mesmo que sua função como animador e autor permaneça constante – o que em reuniões de comitês se chama "mudar de chapéus". Isso é o que acontece durante grande parte das ocorrências de alternância de código. Em certo grau, selecionar a qualificação que devemos ocupar é selecionar (ou tentar selecionar) a qualificação dos receptores da nossa ação (WEINSTEIN & DEUTSCHBERGER, 1963). Todo esse trabalho é consolidado pela denominação de

prática e, em muitas línguas, através da escolha de pronomes disponíveis na segunda pessoa.

Quando se usa o termo 'falante', está freqüentemente implícito que o indivíduo que anima está produzindo seu próprio texto e delimitando sua própria posição através dele: animador, autor e responsável são um só. Nem sempre é possível afirmar que falamos nossas próprias palavras e que assumimos nós próprios a posição atestada por elas.

### **1.10 O trabalho de face - a polidez**

Brown e Levinson (1987) postulam que teoria da polidez está relacionada a princípios que regem a interação verbal e consiste na posição tomada pelo falante em relação ao seu interlocutor e ao conteúdo proposicional do ato de fala que profere. Essa teoria está pressuposta em todas as sociedades, não importando as variações de interpretação a ela dadas nos grupos e nas diferentes situações.

A teoria da polidez, de Brown & Levinson (1987) toma por base os postulados teóricos de Grice (1975), nos quais a comunicação é possível porque os interlocutores obedecem mutuamente ao Princípio da Cooperação (PC). O PC consiste em quatro máximas gerais: de relevância, quantidade, qualidade e modo. Grice explica que o PC e as máximas são observados pelo falante para que os objetivos centrais da interação sejam atingidos e para tanto os participantes devem ter interesse em fazer trocas conversacionais proveitosas para os propósitos objetivados. Essas máximas são violadas quando o falante quer significar muito mais do que o sentido literal daquilo que diz. A violação, que pode ser de uma ou mais máximas, gera as implicaturas conversacionais, através das quais, o falante expressa de maneira implícita a sua mensagem.

Partindo desses postulados, Brown & Levinson (1987) formularam a teoria da polidez, que considera ser a referida violação, decorrente da necessidade de o falante de seguir o princípio da polidez, para garantir a qualidade da interação. Mas explicam que o PC e o Princípio da Polidez possuem status bem diferentes: o primeiro apresenta um modelo de comunicação socialmente neutro, não marcado, tendo como suposição essencial a observância das máximas, ou seja, do que é

racionalmente esperado em uma interação. Segundo esse princípio, portanto, a desobediência às máximas só ocorre caso haja motivo para tal. O Princípio da Polidez, por sua vez, é um dos motivos desse desvio.

Uma das atrações do modelo de Brown & Levinson é que eles associam o Princípio da Polidez à noção de face e trabalho de face desenvolvida por Goffman (1967). Face, de acordo com Goffman, é a exposição pública do *self*, imagem pública que qualquer indivíduo quer preservar na interação e, trabalho de face refere-se às comunicações designadas para criar, apoiar ou desafiar essa face. De acordo com Goffman, a combinação de duas regras – a regra do respeito próprio e a regra de consideração pelo outro – faz com que uma pessoa tenda a portar-se, em um encontro, de modo a manter tanto a própria face como a face dos demais participantes.

Segundo Brown & Levinson, a Pessoa Modelo (PM) (falante ou ouvinte) consiste em uma pessoa fluente com vontade própria, dotada de duas propriedades: *face e racionalidade*. ‘Face’ - a PM é dotada de dois desejos: o desejo de ser desimpedida e o desejo de ser aprovada em certos aspectos. ‘Racionalidade’ - a disponibilidade de raciocinar dos fins para os meios, e por estes alcançar aqueles fins.

Os autores definem as noções de ‘face’, ‘face positiva’ e ‘face negativa’, como é possível observar no quadro a seguir:

Quadro 6 - Noções de face

I. FACE é a imagem pública que qualquer membro quer reivindicar para si, e que consiste de dois aspectos relacionados
a) Face negativa: a reivindicação básica de território, de resguardo pessoal, de direitos de não ser perturbado – i.e., de liberdade de ação e de liberdade em relação à imposição.
b) Face positiva: a própria imagem ou ‘personalidade’ consistente positiva (incluindo, em especial, o desejo de que esta imagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interlocutores.
II. Certas capacidades racionais, em especial modos consistentes de raciocinar dos fins para os meios, para alcançar esses fins.

Explicitando,

- (i) Toda PM tem face positiva e face negativa, e todas as PMs são agentes racionais – i.e., escolhem os meios que satisfarão seus fins.

- (ii) Assim, o F (falante) quer manter a face do O (ouvinte), a menos que S possa conseguir que o O mantenha a face de F sem promessas, mas por meio de coerção, de truques, etc.
- (iii) Atos que ameaçam a face são os AAFs (atos ameaçadores de face).
- (iv) F tentará minimizar o AAF, caso não possa evitá-lo.

Os quadros a seguir, sintetizam as circunstâncias que determinam a escolha de estratégia:

Quadro 7 – Circunstâncias que determinam a escolha de estra

Circunstâncias que determinam a escolha de estratégia (pp.60)				
menor ↑			sem minimizar (baldly)	
Estimativa de risco de perda de face	Faz o AAF	explícito	minimizando	polidez positiva
				polidez negativa
↓ maior		implícito		
	Não faz o AAF			

A próxima sequência de quadros ilustra o mecanismo dos atos que ameaçam a face do ouvinte e falante

Quadro 8 - Atos que ameaçam a face negativa de O (F impede a liberdade de ação A de O)

(I) atos para pressionar o O a fazer ou não um A	(II) F fará um ato positivo e pressiona O a aceitar ou rejeitá-lo	(III) F deseja algo de O e faz O julgar que precisa protegê-lo de F ou dá-lo a ele
a) ordem e pedido b) sugestão, conselho c) lembrar O de d) ameaça, aviso	a) oferecimento b) promessa	a) cumprimento, expressão de inveja ou de admiração b) expressão de forte emoção negativa (ódio)

Quadro 9 - Atos que ameaçam a face positiva de O (F não se importa pelos sentimentos e desejos etc. de O)

(I) S avalia negativamente algo da face positiva de O	(II) F mostra que não se importa com a face positiva de O
a) expressão de desaprovação, crítica, desprezo, ridículo, queixa ou reprimenda, acusação, insulto b) contradição ou desacordo, desafio	a) impressão violenta de emoções (para O temer ou ficar embaraçado) b) irreverência, menção de tópicos tabus c) más notícias de O ou boas de F d) falar sobre tópicos perigosos ou que causem cisão e) atitude não-colaborativa (interromper O, mostrar falta de atenção) f) vocativos ou nomes identificadores de status

Quadro 10 - Atos que ameaçam a face negativa de F [F se sente invadido]

- a) expressão de agradecimento (F aceita o débito o que humilha sua face)
- b) aceitação de desculpas feitas por O (F sente que precisa minimizar a falta de O)
- c) desculpas (F indica que ele julga que tenha boas razões para fazer, ou não fazer, um ato que o O acabou de criticar; isto por sua vez pode se constituir-se em crítica de O, ou pelo menos causar um confronto entre a visão de O e de F)
- d) aceitação de ofertas (F é obrigado a aceitar um débito)
- e) faltas de O (se F nota: embaraça O; se finge não notar, ele pode se sente mal)
- f) promessas ou oferecimento a contragosto (F se compromete a uma futura ação que não quer fazer; mas se se negar ele ofende a face positiva de O).

Quadro 11 - Atos que ameaçam a face positiva de F [F se sente desmascarado]

- a) desculpas (F indica que lamenta ter feito um AAF, danificando sua própria face, especialmente se O tem conhecimento da transgressão através da confissão de F)
- b) aceitação de cumprimento (F se sente constrangido a depreciar uma gentileza de O, danificando sua própria face; ou pode sentir-se constrangido a cumprimentar O)
- c) perda do controle físico (queda, tropeço)
- d) auto-humilhação por agir de maneira estúpida, ou se contradizendo
- e) confissão, admissão de culpa ou responsabilidade
- f) descontrole emocional (riso ou lágrimas)

NOTA: Alguns itens podem pertencer tanto a uma como a outra categoria.

### 1.10.1 Estratégias para fazer um AAF

Num contexto de vulnerabilidade mútua de face, qualquer ator racional, de acordo com Brown & Levinson, tentará evitar o AAF, ou empregará estratégias para minimizar a ameaça. Em outras palavras, ele levará em consideração os pesos relativos de (pelo menos) três desejos:

- a) o desejo de comunicar o conteúdo do AAF x;
- b) o desejo de ser eficiente e urgente;
- c) o desejo de manter a face do ouvinte de algum modo.

Um ator será **explícito** (*on record*) ao fazer um ato A se estiver clara aos participantes a intenção comunicativa que levou o ator a fazer A (i.e. há uma intenção não ambígua com a qual as testemunhas concordam).

Ao contrário, se o ator é **implícito** (*off record*) ao fazer A, então há mais de uma intenção possível, de tal modo que não se pode atribuir ao ator uma determinada intenção.

As realizações lingüísticas de estratégias implícitas incluem metáfora e ironia, perguntas retóricas, subentendidos, tautologias, e todos os tipos de pistas em relação ao que o falante espera ou quer comunicar, sem fazê-lo diretamente, com a

finalidade de tornar o significado negociável. Brown & Levinson afirmam que normalmente, um AAF será feito desse modo se o falante não temer uma retribuição do falante, como por, exemplo, em circunstâncias em que:

- (a) F e O concordam tacitamente que a relevância dos requisitos da face pode ser suspensão em favor de interesses de urgência ou eficiência;
- (b) o perigo para a face de O é muito pequeno, como em ofertas, pedidos, sugestões, que sejam claramente feitos no interesse de O, e que não requeiram grande sacrifício de F;
- (c) F tem poder muito superior ao de O, ou pode contar com o apoio da audiência para destruir a face de O, sem perder a sua própria face.

A **ação minimizadora** (*redressive action*) é aquela que ‘dá a face’ ao ouvinte, isto é, que tenta se contrapor ao dano potencial de face de um AAF, fazendo-o de tal forma, ou com tais modificações ou adições, que indiquem claramente que F não se pretende ou não deseja tal AAF, e que F reconhece os desejos de face de O, e ele mesmo quer que estes sejam atingidos.

A polidez positiva é orientada para a face positiva de O, a auto-imagem que ele reivindica para si. A polidez positiva é baseada-na-abordagem; ela ‘unge’ a face do endereçado ao indicar que, de alguma forma, F quer os desejos de O.

A polidez negativa é orientada principalmente para satisfazer parcialmente (minimizando) a face negativa de O, seu desejo básico de manter a reivindicação de território e de auto-determinação. A polidez negativa, assim, é essencialmente baseada-no-impedimento, e as realizações das estratégias de polidez negativa consistem em assegurar que o F reconhece e respeita os desejos da face negativa do endereçado e não interferirá (ou o fará minimamente) na sua liberdade de ação.

Os lucros – Sendo explícito, o F pode potencialmente conseguir as seguintes vantagens:

- pode reunir a pressão pública contra o endereçado ou em apoio próprio;
- pode ganhar crédito em honestidade, indicando que confia no endereçado;
- pode ganhar crédito por sua sinceridade, evitando o perigo de ser visto como um manipulador;
- pode evitar o perigo de ser mal entendido

Sendo implícito, o F pode lucrar da seguinte maneira:

- pode ganhar crédito por ter tato e não-coercitivo;
- pode correr menos risco de seu ato entrar na 'biografia-do-mexerico';
- pode evitar a responsabilidade de interpretação potencialmente danosa à face;
- pode dar (não-abertamente) ao endereçado a oportunidade de ser visto como tendo cuidado com F (e assim poder testar os sentimentos de O em relação a ele). Neste caso, se O escolher responder à interpretação potencialmente ameaçadora do ato, ele pode dar um 'presente' a F. Assim, se F disser 'Está quente aqui' e O disser 'Oh, vou abrir a janela então!', O pode ganhar crédito por ser generoso e cooperativo, e F evita a ameaça potencial de dar-lhe uma ordem.

Sendo explícito com polidez positiva, F pode minimizar aspectos ameaçadores de face de um ato, assegurando ao endereçado que ele o considera 'um dos seus', que ele gosta de O e que ele quer os mesmos desejos de O.

Sendo explícito com polidez negativa, o F pode-se beneficiar da seguinte maneira: F pode dar respeito, deferência a O em retorno do AAF, e pode assim evitar incorrer em (ou diminuir) um débito futuro; F pode manter distância social e evitar a ameaça (ou perda de face potencial) de conceder familiaridade a O; F pode dar um real 'out' ao endereçado (por exemplo, com um pedido ou oferta, deixando claro que F realmente não espera que O diga 'Sim' a menos que F queira, portanto, minimizando a perda de face mútua que ocorreria se O dissesse 'Não'). Esses lucros podem ser simplificados com o seguinte sumário:

Lucros pela explicitude (*on record*):

- a) clareza, compreensibilidade;
- b) não-manipulação.

Lucros na explicitude não minimizada (*bald-on-record*):

- a) eficiência (F pode alegar que outras coisas são menos importantes do que a face, que o ato não é um AAF).

Lucro com minimização: F tem a oportunidade de dar a face:

- a) polidez positiva – para satisfazer a face positiva de O, em algum grau;
- b) polidez negativa – para satisfazer a face negativa de O, em algum grau.

Lucro pela implicitude (off-record):

- a) F pode satisfazer a face negativa em maior grau do que a conseguida pela estratégia de polidez negativa;
- b) F pode evitar a responsabilidade por sua ação que as estratégias explícitas envolvem (mas corre o risco de criar ambigüidade e obscuridade).

As variáveis sociais – A avaliação da seriedade de uma AAF (isto é, o cálculo que os membros parecem fazer) envolve os seguintes fatores em muitas ou talvez em todas as culturas:

- (i) a ‘distância social’ (D) de F a O;
- (ii) o relativo ‘poder’ (P);
- (iii) a hierarquia absoluta (*ranking*) (R) de imposições de uma cultura; que é calculada pela equação:

$$W_x = D(F,O) + P(O,F) + R_x$$

A teoria foi posteriormente criticada por Bargiela-Chiappini (2002) e outros autores, mas continua a ser seguida. E mesmo a equação acima não vale para todas as circunstâncias (um chefe pode precisar ser polido para satisfazer as exigências de seus funcionários em nome de interesses da empresa).

Em resumo, apresentamos neste Apoio Teórico, as metafunções da linguística sistêmico-funcional, para embasar propostas que de alguma maneira ampliaram, corrigiram, reuniram essas metafunções. De um modo geral, pode-se verificar como as três metafunções se unem em função da avaliação que o escritor faz tanto em relação ao interlocutor, quanto em relação ao conteúdo de sua mensagem. Nos *tokens* de atitude, é a metafunção ideacional, que pode ser saturado em termos avaliativos; no metadiscurso, é a metafunção ideacional, que pode ter função interpessoal.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Dados

O estudo do metadiscorso em Introduções de textos científicos será feita examinando-se os seguintes textos, publicados nas principais revistas sobre linguística, classificadas entre A2 e B1 (veja no colchetes), no Qualis.

As Introduções foram coletadas de quatro periódicos, coletados da seguinte forma:

Os periódicos *DELTA* e *Alfa* são disponíveis na mídia eletrônica. O primeiro, no site SciELO Brasi é publicado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC - SP, e o segundo, em site próprio da Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara.

Os periódicos Cadernos de Estudos Linguísticos e Trabalhos em Linguística Aplicada foram consultados na biblioteca da PUC – SP, porém podem ser adquiridos mediante assinatura relativa a quatro números, pelo período de dois anos, ou ainda pela compra de números avulsos ou por intercâmbio, conforme observado no site do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP: <[http://www.iel.unicamp.br/publicacoes/revista\\_cel.php](http://www.iel.unicamp.br/publicacoes/revista_cel.php)>

(1) **Texto A** - Introdução com 372 palavras, do artigo de:

SILVA, Denize Elena Garcia da.. Motivações cognitivas e interacionais em competição: a força das palavras em contexto. *DELTA*, São Paulo, v.21 n.spe. 2005 [A2] Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502005000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502005000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 13 mar. 2009

(2) **Texto B** - Introdução com 353 palavras, do artigo de:

MAROCHI Thaís Barbosa Testes orais individuais e em pares: um estudo das diferenças de desempenho *DELTA*, São Paulo, v. 24 n.1, 2008 [A2] Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502008000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502008000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 15 mar. 2009

(3) **Texto C** – Introdução com 358 palavras, do artigo de:

SCHWINDT, Luiz Carlos. Revisitando o estatuto prosódico de palavras prefixadas do PB em uma perspectiva de restrições. *Alfa Araraquara*, v. 52 n.2, p. 391-404, 2008 [B1] Disponível em:

<<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/08-Schwindt.pdf> > Acesso em 12 mar. 2009

(4) **Texto D** – Introdução com 324 palavras, do artigo de:

BATTISTI11 Elisa; HERMANS, Bem. A palatização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis de produção . *Alfa Araraquara*, v.52 n.2, p. 279-288, 2008 [B1] Disponível em :

<<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-2/02-Battisti-Hermans.pdf>>

Acesso em 12 mar. 2009

(5) **Texto E**– Introdução com 325 palavras de:

MIOTO, Carlos; FOLTRAN, Maria José. A favor de Small Clauses. *Cadernos de Estudos Linguísticos* v. 49 n.1, p. 11-28, jan./jun. 2007. [A2]

(6) **Texto F** – Introdução com 396 palavras, do artigo de:

FRAGA, Dinorá & FLORES, Tânia. Hipertexto que texto é esse? *Trabalhos em lingüística aplicada* v.44 n.1, p. 115-132, jan./jun. 2005. [B1]

## 2.2 Procedimentos de Análise

Antes de iniciar os procedimentos de análise, comparo a seguir os quadros elaborados por Hyland, Quadro 4 (HYLAND, 1998) e Quadro 5 (HYLAND, 2005):

Quadro 4 - Funções do metadiscursos em textos acadêmicos (Hyland, 1998)

<b>Categoria</b>	<b>Função</b>	<b>Exemplos</b>
<b>METADISCURSO TEXTUAL</b>		
Conectivo lógico	expressa rel. semântica entre or. principais	<i>além disso, mas, por conseguinte, assim, e</i>
Marcador endofórico	refere-se a informação de outras partes do texto	<i>referido acima, veja fig.2, abaixo</i>
Marcador de enquadre	refere-se aos estágios do texto	<i>finalmente, repetindo, Nosso objetivo, tentamos</i>
Evidencial	refere-se a fontes de informação	<i>conforme fulano, fulano (1990), fulano diz</i>
Comentário codificado	ajuda o leitor a entender o significado ideacional	<i>ex., isto é, em outras palavras, tal como</i>
<b>METADISCURSO INTERPESSOAL</b>		
Hedges	evita total compromisso do escritor	<i>poderia, talvez, é possível, cerca de</i>
Enfáticos	ênfatisa a certeza/força do escritor	<i>de fato, definitivamente, está claro, obviamente</i>
Marcador atitudinal	expressa a atitude do escritor em relação conteúdo	<i>surpreendentemente, concordo, fulano afirma</i>
Marcador relacional	constrói a relação com o leitor	<i>francamente, note que, você pode ver</i>
Marcador para o autor	referência ao autor	<i>eu, meu ,nós, nosso (exclusivo)</i>

Quadro 5 – Avaliação e Compromisso (Hyland, 2005)

<b>INTERAÇÃO</b>		
<b>AVALIAÇÃO</b> (Estas categorias já foram apresentadas no Quadro 4)		
hedge	evita total compromisso do escritor	<i>poderia, talvez, é possível, cerca de</i>
enfáticos	ênfatisa a certeza/força do escritor	<i>de fato, definitivamente, está claro, obviamente</i>
marcador atitudinal	expressa a atitude do escritor em relação conteúdo	<i>surpreendentemente, concordo, fulano afirma</i>
auto-menção	referência ao autor	<i>eu, meu ,nós, nosso (exclusivo)</i>
<b>COMPROMISSO</b>		
pronome do leitor	traz o leitor para o discurso	<i>você, seu (os mais comuns), nós</i>
diretivo	instrui o leitor a realizar ato	<i>considere, note, imagine, deve</i>
pergunta	estratégia de envolvimento dialógico; Hyland diz que 80% dos casos eram de perguntas retóricas	<i>o que esses fatos têm em comum?</i>
conhecimento partilhado	convida o leitor a reconhecer algo como familiar ou aceito	<i>é claro que sabemos, é diferente do que conhecemos</i>
participação pessoal	interrompe o curso do argumento para comentar algo	<i>e, acredito que todos já sabem – que a ...</i>

Comparando-se os Quadros 4 e 5, notemos que o item Metadiscursos Interpessoal (Quadro 4) coincide com o da Avaliação (Quadro 5), com exceção do Marcador Relacional (notando-se que 'marcador para o autor' é o mesmo de 'auto-menção').

Passando-se, no Quadro 5, para o item Compromisso, verificamos que os sub-itens: 'pronome do leitor', 'diretivo', 'perguntas' 'conhecimento partilhado', poderiam constituir o 'marcador relacional' do Quadro 4.

Além disso, no Quadro 4 o item 'comentário do autor' se iguala a 'intervenção do autor', no Quadro 5. Daí a sua substituição. Foi também substituído, no Quadro 4, o termo 'conectivo lógico' (que lembra as conjunções) por 'marcador discursivo'.

Assim, para fins da minha análise, compus o seguinte quadro composto pelos Quadros 4 e 5, separando no Metadiscurso Interpessoal os fatores (a) Pessoal e (b) Interacional, nos termos de Thompson e Thetela (1995), como fizemos ver acima

Quadro 12 –Modificações propostas nesta dissertação

<b>Categorias</b>	<b>Função</b>	<b>Exemplos</b>
<b>METADISCURSO TEXTUAL</b>		
Marcador discursivo	relação semântica entre partes do texto	<i>além disso, mas, por conseguinte, assim, e</i>
Marcador endofórico	referência a outras partes do texto	<i>referido acima, veja fig.2, abaixo</i>
Marcador de enquadre	referência a estágios do texto	<i>finalmente, repetindo, Nosso objetivo, tentamos</i>
Marcador de evidência	referência a fontes de informação	<i>conforme fulano, fulano (1990), fulano diz</i>
<b>METADISCURSO INTERPESSOAL</b>		
<b>Pessoal</b>		
Hedges	evita compromisso do autor	<i>poderia, talvez, é possível, cerca de</i>
Enfáticos	ênfatisa a certeza do escritor	<i>de fato, definitivamente, está claro, obviamente</i>
Marcador atitudinal	expressa a atitude do escritor	<i>surpreendentemente, concordo, fulano afirma</i>
<b>Interacional</b>		
Pronome do leitor	Modo mais explícito de trazer o leitor para o discurso	<i>você, seu (raros), nós,</i>
Diretivos	Para o leitor realizar ações/ver as coisas de acordo com o autor.	<i>(a) textual (veja, consulte) (b) físico (congele, monte, coloque) (c) cognitivo (considere, pense</i>
Perguntas	Estratégia dialógica por excelência.	
Conhecimento partilhado	Posiciona o leitor dentro do assunto.	
Intervenção do autor	Autor interrompe argumento para oferecer comentário ao leitor	

Procedeu-se à análise da seguinte forma. Cada texto foi examinado tendo como foco as categorias do Quadro 6. O objetivo desse exame era verificar em que proporções quantitativas ocorriam os metadiscursos textuais e interpessoais nos seis artigos científicos acima especificados. Assim, pode-se observar se a presença do metadiscurso é um dos motivos para a classificação no Qualis dessas revistas. A fim de obter resultados coerentes, os artigos selecionados para esta análise possuem número aproximado de palavras, como é possível observar na seção Dados

A título de exemplo, apresento a análise de trecho do Texto A: Na sequência, trago a discussão do artigo A parágrafo a parágrafo; para os demais artigos, a discussão é apresentada no final de cada texto.

(1) Enfocar a força da palavra na construção do clima organizacional da escola, mais

especificamente no espaço de sala de aula, implica direcionar o objetivo deste artigo rumo a **m. de enquadre**

reflexões voltadas para alguns parâmetros teóricos que balizam a noção de contexto. A exemplo **conhecimento partilhado**

de uma teoria do texto, ou do discurso, uma teoria do contexto apresenta-se como proposta

bastante complexa, o que tem demandado constante busca e elaboração de princípios em várias **m. atitudinal** **m. atitudinal**

disciplinas das ciências humanas e sociais, conforme observa T. van Dijk (2001: 70), em seu **m. evidência**

artigo "Algunos principios de la teoria del contexto".

### 3 ANÁLISE

#### Texto (A)

##### 1º. Parágrafo

(1) Enfocar a força da palavra na construção do clima organizacional da escola, mais especificamente no espaço de sala de aula, implica direcionar o objetivo deste artigo rumo a **m. de enquadre**

reflexões voltadas para alguns parâmetros teóricos que balizam a noção de contexto. A exemplo **conhecimento partilhado**

de uma teoria do texto, ou do discurso, uma teoria do contexto apresenta-se como proposta

bastante complexa, o que tem demandado constante busca e elaboração de princípios em várias **m. atitudinal** **m. atitudinal**

disciplinas das ciências humanas e sociais, conforme observa T. van Dijk (2001: 70), em seu **m. evidência**

artigo "Algunos principios de la teoria del contexto".

#### **ANÁLISE DO 1º. PARÁGRAFO:**

O texto apresenta-se em tom monoglóssico, não havendo registro de hedges, e adota tom enfático, configurando a certeza da autora. Como se trata do parágrafo inicial de uma Introdução de artigo (indicado com marcador de enquadre), verifica-se que a autora tenta compartilhar a informação com o leitor. Para aumentar a validade de suas afirmações recorre a marcadores atitudinais como: 'bastante complexa' ou 'constante busca e elaboração', além do marcador de evidência, trazendo a voz de autor consagrado na área.

## 2º Parágrafo

(2) As reflexões aqui registradas procedem de postura crítica tomada dentro da análise do discurso  
**m. endofórico**

vista não só como corrente lingüística, mas, também como método de estudo. A análise do discurso

que enfoca a língua como prática social constitui meu passaporte teórico, e o discurso -  
**m. atitudinal**

concebido como modo de ação das pessoas (sobre o mundo e sobre outras pessoas), bem como  
**intervenção do autor**

uma forma de representação de significação (que constitui e constrói o mundo), como propõe  
**intervenção do autor**

Norman Fairclough (2001) – embasa o escopo do artigo, cujo objetivo central é explicitar as  
**m. de evidência** **m. de enquadre** **m. de enquadre**

motivações cognitivas e interacionais que costumam ocorrer no espaço de sala de aula.

### ANÁLISE DO 2º. PARÁGRAFO:

A autora, após recorrer ao marcador de atitude 'meu', passa a explicar o assunto que irá tratar, e, para tanto, intervém duas vezes no texto, além de buscar evidência em fonte autorizada e, por outro lado, deixar claro o objetivo que busca, utilizando marcadores de enquadre.

### 3º. Parágrafo

(3) Os pressupostos teóricos considerados envolvem uma concepção de contexto associada a Modelos cognitivos interiorizados, enquanto o objeto empírico observado encontra-se constituído por episódios de uma aula gravada em vídeo em que se pode analisar a interação **m. de evidência** dialógica entre docente e discentes. Nessa perspectiva, busca-se descrever e interpretar suas **m. discursivo** **hedge** expectativas mútuas, visando à aproximação aos esquemas mentais subjacentes ao discurso de cada um. Trata-se de estudo qualitativo de natureza etnográfica, cujos passos são guiados pelos **intervenção do autor** procedimentos metodológicos da etnografia crítica proposta por Jim Thomas (1993). **m. de evidência**

A etnografia crítica refere-se ao processo reflexivo de escolha entre alternativas conceptuais e de julgamento de significados e métodos, principalmente para desafiar a pesquisa e o monitoramento, ou policiamento, entre outras formas da atividade humana.

#### **ANÁLISE DO 3º. PARÁGRAFO:**

O texto continua em tom monoglóssico (há apenas uma ocorrência de hedge) provavelmente por motivos persuasivos exigidos por uma Introdução – estágio em que a autora procura o alinhamento do leitor, nos termos de Goffman (1979). Nesse sentido, o marcador de evidência, intervém no texto para assegurar a compreensão do interlocutor.

#### 4º. Parágrafo

(4) O artigo encontra-se dividido em três partes. A primeira trata da noção de contexto; a segunda  
**m. endofórico**      **m. endofórico**      **m. endofórico**

aborda questões pertinentes a motivações cognitivas e interacionais; e a terceira discute os  
**m. endofórico**

resultados de análise das categorias que mais se destacaram, envolvendo dados reais colhidos  
**m. de evidência**

no espaço de sala de aula, este por sua vez enxertado em um "contexto de cultura".  
**intervenção do autor**

#### ANÁLISE DO 4º. PARÁGRAFO:

O texto prossegue em tom enfático na explicação do conteúdo informativo. A Introdução termina com um parágrafo explicativo dos estágios do artigo, através dos marcadores endofóricos. Continua a persuasão junto ao leitor com marcador de evidência e a própria intervenção do autor.

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise

Quadro 13 – As ocorrências de metadiscurso no texto A

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO				
		1º.	2º.	3º.	4º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo			1		1
	marcador endofórico		1		4	5
	marcador de enquadre	1	2			3
	marcador de evidência	1	1	2	1	5
<b>Total Textual</b>						<b>14</b>
PESSOAL	hedge			1		1
	enfático	sim	sim	sim	sim	
	marcador atitudinal	2	1			3
<b>Total Pessoal</b>						<b>4 + sim geral</b>
INTERACIONAL	pronome do leitor					
	diretivo					
	pergunta					
	conhecimento partilhado	1				1
	intervenção do autor		2	1	1	4
<b>Total Interpessoal</b>						<b>5</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		5	7	5	6	23

### Comentário

Como se pode ver, em termos gerais, as informações nesta Introdução são apresentadas monoglossicamente, nos termos de White (2003), com tom **enfático** permanente, que advém implicitamente através, em especial, de **evidência** (5 = 21,7%) com apenas um **hedge**, e, portanto, sem nenhuma preocupação de mitigação a ameaça a face do leitor, no caso, a face positiva, já que ele é considerado alguém que não tem as informações e que, portanto, vai aceitá-las (BROWN; LEVINSON, 1987). Além disso, trata-se da Introdução de um artigo, capítulo em que o autor deve mostrar conhecimento do assunto e firmeza no seu tratamento. No caso de artigo científico, sabe-se que o apoio em outros autores, ao contrário do que acontece em alguns outros gêneros, mostra o lastro de conhecimento do escritor. Nesse sentido, o alinhamento junto ao leitor com o conteúdo do texto acontece em grande parte devido a esse tom de 'expert' adotado pela autora.

Notemos a abundância de metadiscurso textual (14 = 60,1%), que parece denotar a preocupação da autora em localizar devidamente o leitor para orientá-lo corretamente na compreensão de sua proposta. Nesse sentido, a **evidência** e também a **intervenção do autor** são fatores que concorrem para esse fim.

**Texto B**

(1) Os testes orais de proficiência em língua inglesa da University of Cambridge Local Examinations Syndicate (UCLES) são elaborados para serem utilizados com dois

(excepcionalmente três) candidatos e dois examinadores (um interlocutor e um avaliador). Ao **intervenção do autor** **intervenção do autor**

Interlocutor cabem duas tarefas: promover a interação entre os candidatos - por meio de **m. de enquadre** **m. de enquadre**

tarefas previamente especificadas - e fornecer uma avaliação global para o desempenho de cada candidato, enquanto o avaliador usa uma escala analítica

(2) Muitos fatores estão envolvidos nesse tipo de avaliação, tais como os candidatos, os **m. de evidência**

examinadores, o critério de avaliação, as tarefas. Dentre esses fatores, o que nos chamou mais **m. atitudinal**

a atenção foi com relação à participação dos próprios candidatos, ou seja, dois candidatos são **intervenção do autor**

escolhidos para, juntos, fazerem o teste. Apesar de o teste em pares ser também adotado por

Muitas universidades, institutos de línguas e outros cursos, há muitas controvérsias se

essa situação melhor favorece o desempenho. Os estudos de Ross e Berwick (1992) e Young e **m. de evidência**

Milanovic (1992) mostram que o discurso é muito assimétrico em um teste individual, o que não

ocorre em um teste em pares. Együd e Glover (2001), tendo por base uma pesquisa com **m. de evidência**

estudantes húngaros, concluem que os alunos ficam mais satisfeitos e produzem um discurso

de melhor qualidade quando interagem com outro aluno. Por outro lado, Foot (1999:39) critica **m. discursivo** **m. de evidência**

o teste em pares, mencionando que a diferença de idade, interesses e competência lingüística entre dois candidatos podem causar problemas quando da realização de um teste oral.  
**hedge**

Segundo Foot (1999), alguns estudantes não gostam do teste em pares e, quando podem  
**m. de evidência**

escolher, preferem fazê-lo individualmente. Essa preferência é também observada por

Professores da Universidade Federal do Paraná, onde a presente pesquisa foi realizada.  
**m. de evidência** **m. de enquadre**

Assim, nosso objetivo é verificar se os candidatos apresentam ou não o mesmo  
**m. discursivo** **enquadre**

desempenho caso façam o teste sozinhos.

(3)Para tanto, inicialmente é discutido o tipo de teste utilizado e suas características. Logo após, é  
**m. discursivo** **m. endofórico** **m. endofórico**

Em seguida, é feita a análise dos dados e a discussão dos resultados e, finalmente, encerra-se  
**m. endofórico** **m. de enquadre** **m. endofórico**

com algumas considerações finais a respeito dos dados obtidos.  
**hedge**

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise.

Quadro 14 - As ocorrências de metadiscorso no texto B

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO			
		1º.	2º.	3º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo		2	1	3
	marcador endofórico			3	3
	marcador de enquadre	2	3	1	6
	marcador de evidência	1	6		7
<b>Total Textual</b>				<b>19</b>	
PESSOAL	Hedge		1	1	2
	Enfático				
	marcador atitudinal		1		1
<b>Total Pessoal</b>				<b>3</b>	
INTERACIONAL	pronome do leitor				
	Diretivo				
	Pergunta				
	conhecimento partilhado				
	intervenção do autor	2	1		3
<b>Total interpessoal</b>				<b>3</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>5</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>25</b>

## Comentário

O texto B apresenta as maiores ocorrências de metadiscorso no item *textual* seis ocorrências de **marcador de enquadre** e três de **marcador endofórico**. o que demonstra o cuidado da autora em direcionar o leitor pelo texto, para que suas palavras sejam devidamente compreendidas no lugar e na identificação do referente. Com isso, ela espera que o leitor se alinhe – no sentido de Goffman (1979), com as opiniões expostas no texto, fato que conta, também, com a abundante ocorrência dos elementos pessoais: **marcadores de evidência** (7), o que aumenta tanto a importância, quanto a veracidade do conteúdo exposto. Assim, as avaliações são feitas em linguagem direta, sem apoiar-se em *tokens* de atitude (MARTIN, 2000), ou seja, na avaliação implícita.

Tal como a Introdução A, essa também apresenta pequena incidência de **hedge** (2), adotando tom geral monoglóssico (WHITE, 2003) o que, considerando-se

o gênero Introdução de texto científico, não caracteriza ameaça à face do leitor (BROWN; LEVINSON, 1987) mais interessado em aumentar seu conhecimento do assunto, do que em preocupações com questões de polidez.

Digno de nota é a abundância de metadiscurso textual (19 = 76%), o que denota a preocupação da autora em que seu texto seja bem compreendido; se a isso somarmos o 12% de **intervenção do autor**, teremos 88% de tentativas da autora nesse sentido.

**Texto C**

(1) Neste texto revisitamos a discussão em torno do estatuto prosódico e morfológico  
**m. de enquadre m.atitudinal**

de prefixos no português brasileiro (PB), na perspectiva da Teoria da Otimidade (OT),  
**conhecimento partilhado**

originalmente proposta por McCarthy e Prince (1993<sup>a</sup>, 1993b) e Prince e Smolensky (1993).  
**m. de evidência**

Nosso objetivo é explicar padrões alomórficos no prefixo e na palavra-base, a partir da relação  
**m. de enquadre**

entre unidades morfológicas e unidades prosódicas, sem fazer uso de expedientes  
 derivacionais. Orientam nossa discussão, entre outros, os trabalhos de Nespor e  
**m. de enquadre intervenção do autor m. de evidência**

Vogel (1986), Selkirk (1995), Booij (1996), Peperkamp (1997), Berckman (1998), Schiwindt  
(2000) e Vigário (2001).

(2) O mapeamento imperfeito de unidades morfológicas em unidades prosódicas e  
**m. enfático**

a obediência a princípios de boa formação de unidades prosódicas podem explicar muito do  
**hedge**

que se tem entendido classicamente por alomorfia. Neste texto, defendemos a idéia de  
**m. de enquadre m. atitudinal**

que unidades morfológica (afixos, radicais, palavras fonológicas, etc.) ensejam  
**intervenção do autor**

isomorfismo com unidades prosódicas (afixos, radicais, palavras fonológicas etc.) e que  
**Intervenção do autor**

essa pressão se sobrepõe a condições de dominância envolvendo unidades prosódicas.

(3) A OT é adequada para tratar de fenômenos dessa natureza, uma vez que  
**m. de enquadre** **m. enfático** **Intervenção**

todas as restrições são universais – o que permite explicar por que esses princípios falham  
**do autor**

em sua aplicação sob determinadas condições.

(4) Nessa linha de raciocínio, retomamos nossa hipótese, desenvolvida anteriormente  
**m. de enquadre** **m.atitudinal** **m. endofórico**

(SCHWINDT, 2000) de que prefixos monossilábicos inacentuados são sílabas adjuntas ou  
**m. de evidência**

incorporadas à esquerda de uma base e de que prefixos acentuados são palavras fonológicas

independentes. O diferencial da análise que ora propomos está em abrir mão de níveis  
**m. de enquadre**

derivacionais ou de classes de afixos. Assumimos de partida que as representações prosódicas  
**m. enfático**

e morfológica, tomadas como domínios de restrições, são suficientes para explicar padrões  
**intervenção do autor**

alomórficos envolvendo a prefixação no português brasileiro.

(5) O texto está organizado de forma geral da seguinte forma: na sequência desta  
**m. de enquadre** **m. endofórico**

introdução, discutimos de forma geral as configurações morfológica e prosódica de  
**m. atitudinal** **hedge**

vocábulos prefixados em PB confrontadas com as condições de dominância prosódica;

na seção seguinte, tratamos de processos que direta ou indiretamente  
**m. endofórico** **m. atitudinal** **intervenção do autor**

podem constituir evidência para as configurações aqui defendidas; por fim, estão  
**hedge** **m. de enquadre** **m. endofórico**

nossas conclusões acompanhadas de questões residuais  
**m. de enquadre**

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise.

Quadro15 - As ocorrências de metadiscorso no texto C

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO					
		1º.	2º.	3º.	4º	5º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo						
	marcador endofórico				1	3	4
	marcador de enquadre	3	1	1	2	3	10
	marcador de evidência	2			1		3
	<b>Total Textual</b>						<b>17</b>
PESSOAL	hedge		1			1	2
	enfático		1	1	1		3
	marcador atitudinal	1	1		1	2	5
<b>Total Pessoal</b>						<b>10</b>	
INTERACIONAL	pronome do leitor						
	diretivo						
	pergunta						
	conhecimento partilhado	1					1
	intervenção do autor	1	2	1	1	1	6
<b>Total interpessoal</b>						<b>7</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>						<b>34</b>	

### Comentário:

O texto apresenta maior registro de **marcador de enquadre** (metadiscorso textual), seguido da categoria **intervenção do autor**. Esses registros mostram a preocupação do autor em orientar o leitor no texto; o registro do **marcador atitudinal** (como: “defendemos nossa idéia” e “retomamos nossa hipótese”) reforça a argumentação presente na proposta trazida pelo autor . Os **marcadores de evidência** conferem ao texto credibilidade; os **enfáticos** que aparecem de forma explícita (3) reforçam o grau de certeza do autor dentro da sua proposta. Esses registros conferem ao texto um tom monoglóssico (WHITE, 2003).

No estágio no qual autor apresenta sua proposta ao leitor, há o registro de um **hedge**, trazendo ao discurso um tom heteroglóssico, que, observando sob o embasamento da a teoria da polidez, ele preserva tanto a sua como a face do leitor.

**Texto D**

(1) Já há algum tempo tem-se afirmado que dados de variação fonológica e resultados de  
**hedge** **m. de evidência** **m. de evidência**

estudos quantitativos podem auxiliar o lingüista a avaliar hipóteses ou escolher entre  
**hedge**

diferentes teorias (HINSKENS; VAN HOUT; WETZELS, 1997; ANTTILA, 1997, 2007). E,  
**m. de enquadre** **m. de evidência**

naturalmente, modelos ou teorias podem esclarecer usos da linguagem. O estudo da  
**m. enfático** **hedge** **m. de enquadre**

palatalização variável das oclusivas alveolares no português brasileiro, em suas  
**intervenção**

generalizações tipológicas e quantitativas, permite exemplificar esse caminho de mão  
**do autor**

dupla, o que se fará neste trabalho.  
**m de enquadre**

(2) Os dados considerados são de Antônio Prado (BATTISTI et al., 2007), pequeno  
**m. de enquadre** **m. de evidência** **intervenção**

município situado ao sul do Brasil e fundado por imigrantes italianos ao final do século XIX.  
**do autor**

Nele, a freqüência total de palatalização é de 30%, taxa modesta se comparada a de outros  
**m. enfático**

falares brasileiros. Segundo aqueles autores, em vez de mudança em progresso, a  
**m. de evidência**

palatalização apresenta sinais de estabilização na comunidade por força de forte  
 condicionamento social.<sup>4</sup> Em termos lingüísticos, a probabilidade de aplicação da regra  
**m de enquadre** **hedge**

depende também do grau de proeminência da vogal alta, como se mostrou em estudo  
**m. endofórico**

anterior<sup>5</sup>. Este trabalho tem como foco nem o condicionamento social, nem o prosódico,  
**m. de enquadre** **intervenção do autor**

mas a natureza mesmo da vogal alta e a palatalização das coronais. De acordo com princípios  
**m. de evidência**

da Fonologia CV Radical de Hulst (1995) a idéia de Clements e Hume (1995) e  
**m. de evidência**

Morén (2007), entre outros, de que um mesmo traço fonológico ocorre em várias posições na  
 estrutura de árvore, objetivamos explicar a tendência das vogais altas de espriar a uma  
**m. de enquadre**

consoante vizinha, palatalizando-a. Propomos que a palatalização pode ser explicada pela  
**m. atitudinal** **hedge**

representação das vogais altas. Sua aplicação variável, por sua vez, por um conjunto de  
**intervenção do autor**

restrições não-hierarquizadas numa gramática parcialmente ordenada (ANTTILA, 1997),  
**m. de evidência**

na linha da Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 2004; McCARTHY;  
**intervenção do .autor** **m. de evidência**

PRINCE, 1993, 1995), doravante OT.  
**m. endofórico**

(3) Parte-se de uma breve caracterização da palatalização das oclusivas alveolares  
**m. de enquadre** **m. de evidência**

no português brasileiro e em Antônio Prado; a seguir, apresentam-se os modelos  
**m. endofórico** **m. de enquadre**

que fundamentam a proposta e, finalmente, a análise  
**m. discursivo** **m. endofórico** **m. de enquadre**

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise.

Quadro 16 – As ocorrências de metadiscursos no texto D

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO			
		1º.	2º.	3º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo			1	1
	marcador endofórico		2	2	4
	marcador de enquadre	3	4	3	10
	marcador de evidência	3	6	1	10
<b>Total Textual</b>				<b>25</b>	
PESSOAL	Hedge	3	2		5
	Enfático	1	1		2
	marcador atitudinal		1		1
<b>Total Pessoal</b>				<b>8</b>	
INTERACIONAL	pronome do leitor				
	Diretivo				
	Pergunta				
	conhecimento partilhado				
	intervenção do autor	1	4		5
<b>Total interpessoal</b>				<b>5</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>11</b>	<b>20</b>	<b>7</b>	<b>38</b>

### Comentário:

Da mesma forma como nas introduções anteriores, nesta introdução prevalece o metadiscorso textual que orienta o leitor no texto. E, como no texto anterior, a presença de **hedges** (5) confere ao texto um tom heteroglóssico, que demonstra a preservação da face dos autores e do leitor. A presença dos **marcadores de evidência** dão suporte à proposta dos autores

## Texto E

1 Este artigo tem dois objetivos: o primeiro é recuperar alguns pontos centrais da  
**m. de enquadre** **m. endofórico**

discussão a respeito de Small Clauses (SC doravante) empreendida nos anos 80 e 90  
**m. de evidência** **intervenção do autor**

principalmente. Nós nos deteremos principalmente na análise da estrutura interna dessas  
**m. atitudinal**

sentenças, focando, em especial, as suas propriedades configuracionais, as hipóteses a respeito  
 de como as categorias se projetam e o tipo de categoria em jogo. Do ponto de vista semântico, a  
**m. de enquadre**

discussão girará em torno das propriedades individual level e stage level do predicado da SC.  
**m. de evidência**

Este artigo busca recolocar essas questões, tendo em vista os dados do português brasileiro.  
**m. de enquadre** **m. de enquadre**

Assim, procuramos ressaltar os pontos cruciais e mais relevantes dessa discussão e,  
**m. discursivo** **m. atitudinal**

principalmente, que estruturas do português podem ser levadas em conta por quem  
**hedge**

2O segundo objetivo deste trabalho é eminente didático: a literatura sobre o  
**m. de enquadre** **m. enfático**

assunto é bastante vasta, mas nem sempre esclarecedora. Os debates precisam ser  
**m. de enquadre**

vistos e compreendidos no contexto da época em que aconteceram e algumas informações  
 nem sempre são facilmente recuperáveis. Procuramos retomar algumas questões que  
**m. atitudinal**

perpassam vários textos e colocá-las de um modo que qualquer principiante no assunto possa

entender. Estamos pressupondo, é óbvio, um conhecimento no mínimo introdutório da teoria  
**m. enfático** **m. de evidência**

gerativista, em especial da teoria de Princípios e Parâmetros.  
**m de evidência**

3Para dar conta dessas metas, dividimos o trabalho da seguinte maneira: no item 1.0  
**m. de enquadre** **m. endofórico**

mostramos como identificar um adjetivo predicativo, já que esta será a categoria preferida a  
**m. atitudinal** **intervenção do autor**

aparecer como predicado das SCs. Mostramos também nessa seção que as SCs podem ser  
**m. atitudinal** **m. endofórico** **hedge**

diferenciadas de acordo com o estatuto de complemento ou adjunto e de acordo com as

propriedades semânticas do adjetivo. No item 2.0 mostramos exemplos que apresentam a  
**m. endofórico** **m. atitudinal**

estrutura [XP YP] de uma SC e que colocam problemas para a análise. Esses problemas têm

origem no tipo de categoria que ocupa a posição de X e Y. Discutimos também a questão da  
**m. atitudinal**

projeção dessas categorias, assunto que esquentou muito os debates em torno de SC.  
**m. de evidência**

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise

Quadro 17 – As ocorrências de metadiscursos no texto E

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO			
		1º.	2º.	3º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo	1			1
	marcador endofórico	1		2	3
	marcador de enquadre	4	2	2	8
	marcador de evidência	2	2	1	5
<b>Total Textual</b>				<b>17</b>	
PESSOAL	Hedge	1		1	2
	Enfático		2		2
	marcador atitudinal	2	1	4	7
<b>Total Pessoal</b>				<b>11</b>	
INTERACIONAL	pronome do leitor				
	Diretivo				
	Pergunta				
	conhecimento partilhado				
	intervenção do autor	1		1	2
<b>Total interpessoal</b>				<b>2</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>12</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>30</b>

### Comentário:

Como nos textos anteriores, as incidências maiores encontram-se nas categorias que fazem parte do metadiscursos textual. Foi possível observar ainda, a incidência do **marcador atitudinal**, (tais como: discutimos, propomos, mostramos) demonstra o posicionamento dos autores no paradigma subjetivista; a presença de **hedges** também demonstra a preocupação com a preservação de face

**TEXTO F**

(1) Começamos afirmando que o hipertexto a que nos referimos diz respeito a um certo  
**m. de enquadre** **m.endofórico**

modo de construir sentido. O recorte deste artigo está inserido na temática sobre texto e  
**m. de enquadre** **conhec. partilhado**

**discurso** em novos ambientes tecnológicos, instaurados pela linguagem informatizada.

Também, buscamos pensá-lo na co-ocorrência com a discussão paradigmática, no campo da  
**m. atitudinal** **conhec. partilhado**

filosofia das ciências, onde fazemos uso da abordagem sistêmica orientada pelos estudos de  
**m. de enquadre** **conhec. partilhado**

pensadores como Edgard Morin e Humberto Maturana.  
**m. de evidência**

(2) Queremos tratar de uma leitura e de um leitor hipertextuais, mais do que a busca de  
**m. de enquadre**

um conceito de texto hipertextual. Ambos, porém, se relacionam recursivamente. Um texto em

estrutura hipertextual pode, com o tempo, produzir um modo de ler hipertextual, ao mesmo  
**hedge**

tempo em que o pressupõe. O(a) leitor(a), então, influenciado(a) pela ambiência hipertextual  
**m. de evidência** **intervenção do autor**

desenvolve um *competência lingüística nova*. Queremos propor que a competência  
**m.atitudinal**

hipertextual insere-se numa competência de hipercomunicação, a ser caracterizada neste  
**m. de enquadre** **m. de enquadre**

artigo. Por outro lado, adotamos um pressuposto cultural. Uma leitura hipertextual, por certo, se  
**m. discursivo** **m. atitudinal** **hedge**

estende para além do tipo de leitura exigida por uma formatação em HTML<sup>1</sup>, própria da  
**intervenção**

informática. Hipertexto é entendido como um modo de produzir sentido, em quaisquer suportes,  
**do autor**

seja impresso, eletrônico ou mesmo, como veremos, o que vamos chamar de suportes culturais  
**pronomes do leitor**                      **m. atitudinal**

como o uso do espaço das ruas da cidade ou os encontros nos shoppings. Uma leitura que  
**intervenção do autor**

assume, na radicalidade, um leitor, enunciador que vagueia entre textos, itinerante, que se vai  
**intervenção do autor. autor**

impregnando de um sabor da possibilidade de buscar o novo . Essa enunciação, envolve um  
**m. endofórico**

enunciador que, cognitivamente, produz uma ação sobre um espaço topológico, no caso, a  
**intervenção**

conformação espacial do hipertexto, na tela do computador.  
**do autor**

(3) No caso do ambiente informatizado, propomos que, nesse espaço topológico, texto e  
**m. de enquadre**                      **m. atitudinal**

leitor estão afetados, do ponto de vista cognitivo pela direção passional (pathos, paixão),  
**intervenção do autor**

porque o hipertexto pressupõe, logo, exige a constituição do leitor como sujeito que produz o  
**m. discursivo**

texto sob uma espécie de imersão, característica do suporte, que envolve luz e movimento,

como processo constituidor do ser autor hipertextual

(4) Atribuir sentidos, no espaço topológico do hipertexto, exige que o leitor autorize-se,  
**m. de enquadre**

digamos, a uma errância, a um vaguear. Uma aventura cognitiva de caminhar sem rumo  
**Intervenção do autor**

Envolve instaurarmo-nos na dispersão do sentido<sup>2</sup>. Esse é o entendimento da mentalidade **pronome do leitor**

necessária para a emergência de um hipertexto. Os estudos atuais sobre hipertexto têm **m. de enquadre**

situado esse ambiente errante, segundo o entendimento de labirinto, rizoma e *flanerie*, **Intervenção do autor**

conforme veremos a seguir.

**m. endofórico**

Apresento, a seguir, os dados quantitativos da análise.

Quadro 18 – As ocorrências de metadiscursos no texto F

METADISCURSO	CATEGORIA	PARÁGRAFO				
		1º.	2º.	3º.	4º.	TOTAL
TEXTUAL	marcador discursivo		1	1		2
	marcador endofórico	1	1		1	3
	marcador de enquadre	3	3	1	2	9
	marcador de evidência	1	1			2
<b>Total Textual</b>					<b>16</b>	
PESSOAL	Hedge		2			2
	Enfático					
	marcador atitudinal	1	3	1		5
<b>Total Pessoal</b>					<b>7</b>	
INTERACIONAL	pronome do leitor		1		1	2
	Diretivo					
	Pergunta					
	conhecimento partilhado	3				3
	intervenção do autor		5	1	2	8
<b>Total Interpessoal</b>					<b>13</b>	
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>9</b>	<b>17</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>36</b>

## Comentário

Nesta introdução, além da incidência do metadiscursos textual onde prevaleceu o **marcador de enquadre** (8 registros), houve a incidência do metadiscursos pessoal interacional, da categoria **pronome do leitor**, na qual as autoras buscam alinhamento junto ao leitor, procurando inseri-lo no texto.

#### 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresento, a seguir, o Quadro 19, que resume a análise das seis Introduções

Quadro 19 - As ocorrências de metadiscursos no seis textos analisados

METADISCURSO	CATEGORIAS	INTRODUÇÕES					
		A	B	C	D	E	F
TEXTUAL	marcador discursivo	(1) 4,3%	(3) 12%		(1) 2,6%	(1) 3,3%	(2) 5,4%
	marcador endofórico	(5) 21,7%	(3) 12%	(4) 11,8%	(4) 10,5%	(3) 10%	(3) 8,1%
	marcador de enquadre	(3) 13%	(6) 24%	(10) 29,4%	(10) 26,3%	(8) 26,7%	(9) 24,3%
	marcador de evidência	(5) 21,7%	(7) 28%	(3) 8,8%	(10) 26,3%	(5) 16,7%	(2) 5,4%
<b>TOTAL TEXTUAL</b>		<b>14</b> <b>60,1%</b>	<b>19</b> <b>76%</b>	<b>17</b> <b>50%</b>	<b>25</b> <b>65,8%</b>	<b>17</b> <b>56,7%</b>	<b>16</b> <b>44,4%</b>
PESSOAL	hedge	(1) 4,3%	(2) 8%	(2) 5,9%	(5) 13,1%	(2) 6,7%	(2) 5,4%
	enfático			(3) 8,8%	(2) 5,3%	(2) 6,7%	
	marcador atitudinal	(3) 13%	(1) 4%	(5) 14,7%	(1) 2,6%	(7) 23,3%	(5) 13,9%
<b>TOTAL PESSOAL</b>		<b>(4)</b> <b>17,4%</b>	<b>(3)</b> <b>12%</b>	<b>(10)</b> <b>29,4%</b>	<b>(8)</b> <b>21%</b>	<b>(11)</b> <b>36,7%</b>	<b>(7)</b> <b>19,4%</b>
INTERACIONAL	pronome do leitor						(3) 8,1%
	diretivo						
	pergunta						
	conhecimento compartilhado	(1) 4,3%		(1) 2,94%			(3) 8,1%
	intervenção do autor	(4) 17,4%	(3) 12%	(6) 17,6%	(5) 13,1%	(2) 6,7%	(8) 22,2%
<b>TOTAL INTERACIONAL</b>		<b>(5)</b> <b>21,7%</b>	<b>(3)</b> <b>12%</b>	<b>(7)</b> <b>20,6%</b>	<b>(5)</b> <b>13,1%</b>	<b>(2)</b> <b>6,7%</b>	<b>(14)</b> <b>36,1%</b>
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>(23)</b> <b>100%</b>	<b>(25)</b> <b>100%</b>	<b>(34)</b> <b>100%</b>	<b>(38)</b> <b>100%</b>	<b>(30)</b> <b>100%</b>	<b>(37)</b> <b>100%</b>

Em todas as Introduções prevaleceu a incidência do metadiscursos textual. É possível, portanto considerar que esse recurso pode representar um fator a ser considerado na classificação dos artigos a serem divulgados nos periódicos aqui analisados. Nesse metadiscursos, o marcador de enquadre ocorreu com maior incidência. Isso indica a preocupação dos autores em orientar o leitor

É interessante observar que a incidência do metadiscorso interpessoal nas introduções analisadas, não corresponde com os achados de Hyland (1998), pois, em sua pesquisa, houve grande incidência de *hedges* (50%) enquanto que nesta pesquisa os *hedges* não foram registrados de forma representativa (média de 7%).

Para uma observação mais detalhada, considero que estudos do metadiscorso em textos de áreas diversificadas podem oferecer subsídios para comparações e discussões a esse respeito.

Nesta pesquisa somente um artigo apresentou índice considerável de metadiscorso interpessoal interacional (texto E, 36,1%), porém a categoria intervenção do autor, que também orienta a leitura do texto prevaleceu (22,2%) e dessa forma o texto não fugiu ao padrão dos demais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das seis Introduções de artigos científicos em periódicos de três universidades brasileiras com classificação de excelência pelo Qualis, possibilitou analisar, sob o aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente, as metafunções ideacional, interpessoal (HALLIDAY, 1985; 1994; 2004; MARTIN, 2000), e sob as noções dos conceitos de metadiscurso, avaliação e *token* de atitude (MARTIN, 2000; HYLAND, 1997; 1998; 2000; 2005; VERSTRAETE, 2001), *footing* e alinhamento (GOFFMAN, 1979) e polidez (BROWN; LEVINSON 1987), a presença do metadiscurso como um dos motivos para essa classificação.

Este estudo possibilitou ainda observar que, além da consideração supracitada, a análise de um texto sob a orientação do metadiscurso pode ser aplicada em diferentes contextos de produção e avaliação textual. Assim, o escritor ou avaliador tem a possibilidade de constatar, por exemplo, se o discurso é monoglóstico ou heteroglóstico ou ainda se há marcadores próprios a determinado gênero textual. Partindo dessa constatação, pode-se conferir ao texto o enquadramento adequado ao propósito de determinada produção textual.

Desta forma, permanece em aberto um campo vasto para estudos voltados a diferentes gêneros textuais, sob o ponto de vista das teorias que contemplaram esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *The Dialogical Imagination*, M. Holquist, (ed.), C. Emerson & M. Holquist, (trans.), Austin, University of Texas Press, 1981
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec. 1988
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986
- BIBER, D., JOHANSSON, S., LEECH, G., CONRAD, S., & FINEGAN, E. Longman Grammar of Spoken and Written English. Harlow: Longman, 1999
- BROWN, P.; LEVINSON S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987;
- CHAFE, W. and NICHOLS, J. (eds.): *Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology* Norwood, N.J.: Ablex, 1986
- COATES, J. Epistemic modality and spoken discourse. *Transactions of the Philological Society* 85:100-131, 1987
- COATES, J. e CAMERON, D. (eds.). *Women in their speech communities*. Harlow, Longman, 1988.
- CORACINI M. J. *Um fazer persuasivo*. São Paulo Pontes/EDUC, 1991;
- CRISMORE, A., Markkanen, R. and M. Steffensen. "Metadiscourse in persuasive writing: a study of texts written by American and Finnish university students." *Written Communication* 10(1):39-71, 1993.
- CRISMORE, A.; R. FARNSWORTH. Mr. Darwin and his readers: Exploring interpersonal metadiscourse as a dimension of ethos. *Rhetoric Review*, 8, 1, 91-112, 1990
- FOWLER, Roger. *Language in the news – discourse and ideology in the press*. London & New York: Routledge, 1991.
- GOFFMAN, Erving. Footing (trad. de Beatriz Fontana, a partir de texto original do periódico especializado *Semiótica*, 25:1-29, de 1979 (Mouton de Gruyter). *In*: Branca Telles Ribeiro & Pedro M. Garcez, *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE Editora, 1998;
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: E. Arnold, 1985;
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *An Introduction to Functional Grammar*. 2<sup>nd</sup>.ed. London: E. Arnold, 1994;
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. 3th. ed. London: Arnold, 2004.

- HALLIDAY, M.A.K.; Hasan. Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989;
- HYLAND, K. Scientific claims and community values: articulating an academic culture. *Language and Communication* Vol. 17. No. 1:19-31 Great Britain: Pergamon 1997.
- \_\_\_\_\_. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse *Journal of Pragmatics* 30 (437-455), 1998;
- \_\_\_\_\_. *Hedging in Scientific Research Articles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co., 1998;
- \_\_\_\_\_. Authority and invisibility: authorial identity in academic writing. *Journal of Pragmatics*, 34. (1091-1112) 2002;
- \_\_\_\_\_. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. *Discourse Studies* 7.2 (173-192) 2005;
- KOCH I. G.V. *Argumentação e Linguagem*. 2.ed. São Paulo Cortez, 1987;
- LAKOFF, G. 'Hedges: A Study in Meaning Criteria and the Logic of Fuzzy Concepts', in Paul Peranteau, Judith Levi and Gloria Phares (eds.), *Papers from the Eighth Regional Meeting*, Chicago Linguistics Society, 1972.
- McCABE, A. Mood and modality in Spanish and English history textbooks: The construction of authority. *Text* 24.1 (1-29), 2004;
- MARTIN, J.R., Christian M.I.M. Matthiessen e Clare Pinter. *Working with Functional Grammar*. London: Arnold, 1997;
- MARTIN, J.R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English, in *Evaluation in Text*, Hunston, S. & Thompson, G. (eds.), Oxford, Oxford University Press, 2000.
- MATTHIESSEN, C. M.I.M. Theme as an enabling resource. In M. Ghadessy (ed.), *Thematic Development of English Texts*. London: Cassell. 1995.
- PALMER, F.R. *Mood and modality*. Cambridge, England: Cambridge University, 1986
- SWALES, J. M. Genre Analysis – *English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990;
- THOMPSON, G., & THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text*, 15(1), 103-127, 1995
- THOMPSON G.; HUNSTON. Evaluation: An Introduction. In: Hunston, Susan & Geoff Thompson (eds) *Evaluation in Text: – Authorial Stance and the Construction of discourse*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2000;
- THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996;
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Introducing functional grammar* 2. ed. London: Arnold, 2004

VERSTRAETE, J.-C. Subjective and objective modality: Interpersonal and ideational functions in the English modal auxiliary system. In: *Journal of Pragmatics* 33 (1505-1528), 2001;

WIDDOWSON, H.G. Explorations in applied *linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1979;

WHITE, P.R.R. Beyond modality and hedging: A dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text* 23.2 (259-284), 2003.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)